

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Editores: FRANCISCO ALVES & C.

Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro.

Rua Libero Badaró, 129 — S. Paulo.

Rua da Bahia, 1055 — Bello Horizonte.

ASSIGNATURAS :

Para o Brasil. um anno 7\$000
União Postal. " " 10\$000

REDACÇÃO : — RUA DA QUITANDA, 72

SUMMARIO ;

O ensino da leitura.....	Alfredo Gomes
Bem haja !.....	F. Cabrita
As perversões da educação ci- vica.....	Frota Pessoa
O que outr'ora se dizia sobre instrucção.....	Silva Gomes
Tratamento medico escolar....	Dr. Oscar Clarck
A leitura em voz alta.....	Jonathas Serrano
A redacção na escola primaria	O. S. R.

Calculo abreviado para ser rapido.....	F. Cabrita
Geographia (Orientação peda- gogica).....	O. S. R.
Cartas serranas.....	Maria Stella
Animaes domesticos.....	O. S. R.

LIÇÕES E EXERCICIOS

Theatro infantil

O ENSINO DA LEITURA

E' trivial dizer-se de um professor, quando se lhe quer rebaixar o merito, que — nem sabe ensinar o a, b, c.

Ora, esse problema que á primeira vista se antolha tão simples, é na realidade o que mais trabalho custou até hoje á humanidade resolver de modo definitivo. E' até agora objecto de controversia o melhor methodo para se obter tão preliminar resultado — ensinar a ler.

Seculos de cogitações e tentativas frustras ou promissoras trouxeram a humanidade obrigada á soletração para alcançar o instrumento sem o qual lhe seria vedado o conhecimento das producções do ingenho humano; datam apenas de pouco mais de dous seculos alguns reaes progressos na senda difficil do aprendizado da leitura.

Mas por que tão lento caminhar? — Porque só modernamente se adquiriram exactas noções acerca do phenomeno phonico, acerca do mecanismo da palavra.

Assim estiveram successivamente em uso: primeiro, os methodos de soletração artificial, que davam ás letras nomes convencionaes, como effe, esse, chis, ipsilon etc., que não correspondem aos sons ou ruidos que pretendem representar; depois, a soletração physiologica, que confere ás letras nomes que representam de modo approximadamente felizes os sons do orgão vocal humano, taes como fê, sê, xhe, i (grego).

Dado que foi tal passo, o aperfeiçoamento desse methodo sobreveio naturalmente e trouxe o chamado methodo phonico, pelo qual o mestre deve separar phoneticamente os elementos vocalicos (a, e, i, o, u) proferindo-os bem sonoramente, dos elementos consonantaes, verdadeiros ruidos ou bulhas mal perceptíveis, e dispensando assim o som tenuissimo de e com que se figuram as consonancias: Assim fe passou a ser... fff...; re converteu-se em... rrr...; che em... chchch...

O obice á perfeição desse methodo consiste na impossibilidade de communicar ao ouvido de quem aprende, a tenuissima e instavel vibração de ar que determinam as articulações explosivas ou instantaneas, como b, p, t, etc.

Não ha negar, entretanto, que esse recto modo de encarar o phenomeno phonetico — aplanou logo o caminho para verdadeiro methodo physiologico da leitura — a syllabação, por meio da qual não se distinguem consonancias de vozes puras senão depois de conseguida a leitura mais ou menos corrente; pois semelhante descriptivação representa já um grão de artificio escripto, e pois convencional, que não importa ao novel aprendiz, só preocupado com o resultado que visa — o ler. A escripta virá a seu tempo e não tardará muito.

Ao methodo da syllabação parece ter sido posterior o da palavração, que desenvolvido de certa fôrma, gera o da sentencição, tão em moda hoje entre nós nas escolas municipaes.

E' este propriamente o escopo que se procura aqui ferir e a que as palavras atrás deixadas servem de introito.

Tanto quanto se pôde apurar sobre os prodromos

desse methodo de leitura, induz a attribuir-lhe a prioridade na concepção ao abbade Radonvillers.

Membro da Academia Franceza, naturalissimo é que não tivesse podido praticamente demonstrar a exequibilidade de seu methodo de ensino da leitura por palavras inteiras. Suas idéas não cahiram, porém, em terreno esteril; germinaram, conquistaram adeptos, e, principalmente, Gedike, na Allemanha e Nicoláo Adam em França contribuíram para que mais conhecida fosse a nova feição dada ao ensino da leitura.

O que na Allemanha se divulgou e foi vulgarizado sob a denominação de methodo das palavras normaes, é pura e simplesmente a palavração.

Baseia-se na capacidade que revela a creança, de reter a fôrma inteira do vocabulo com mais ou menos facilidade, bastando para isso que o professor zeloso e arguto consiga (pela simples leitura ou, melhor, por esta acompanhada da escripta) despertar no espirito infantil o interesse ou a simples curiosidade relativamente ao assumpto da lição. Claro está que tambem deve poupar-lhe, com immensa paciencia, quaesquer reprimendas pelos enganos e erros que forçosa e frequentissimamente ha de commetter em começo.

Desse modo, grangeando a confiança da creança, inculciv-lhe-ha a convicção de que dentro em pouco conseguirá ler phrases e historietas.

Não nego a possibilidade, a exequibilidade de semelhante methodo: a experiencia tem-no já demonstrado. Demais, não é outro de longa data o methodo empregado no ensino da leitura nos Estados Unidos da America do Norte.

Chegamos até a affirmar que no aprendizado da leitura inglesa não é viavel (sem enorme sacrificio de tempo para as crianças e de attenção para ellas e para os mestres) qualquer outro systema de ensino.

Obvio se afigura o que deixo dicto desde que se pondere o divorcio quasi completo que se observa entre a pronuncia e a graphia dos vocabulos ingleses.

Accresce que, lingua extremamente corrompida em sua plastica, reduzida ao maximo de contracção lexicologica, os termos da linguagem corrente são na sua immensa maioria monosyllabos ou dissyllabos apparentes — os terminados em e mudo (cat, big, fine, thief, some, pure, etc.).

Em portuguez, porém (e nas linguas romanicas, em geral) os monosyllabos existem relativamente em numero reduzido: avultam os dissyllabos e trissyllabos, e não são poucos os tetra e pentasyllabos. Entre nós, por isso, o methodo não pôde nem deve offerecer os fructos e vantagens que delle se colhem nos dominios do idioma britannico.

O que se asseverou para as linguas romanicas, pôde repetir-se para o allemão, em que o processo de formar palavras novas por justaposição de elementos pre-existentes gera vocabulos longos, estensissimos ás vezes.

ALFREDO GOMES.

I — IDEAS E FACTOS

BEM HAJA!

Bem haja o Dr. Afranio Peixoto por ter chamado a atenção dos professores de instrução primaria para um livro que, com o insinuante titulo *CASA DE PAES, ESCOLA DE FILHOS*, acaba de publicar o emerito professor lisboeta, Sr. Agostinho de Campos (1).

A triplíce autoridade do Dr. Afranio, de consummado homem de letras, de director geral do ensino publico municipal, e de lente cathedra de Hygiene da Faculdade de Medicina, constitue palladio seguro do auspicioso exito do seu gesto.

"O livro de Agostinho de Campos lhes recordará, *trocado em miudos* (2), com a persuasão dos exemplos e commentarios, todo o systema de modernas doutrinas pedagogicas, que certamente aprenderam e que devem exercer" — diz o Dr. Afranio, dirigindo-se aos benemeritos preceptores da infancia.

Que ventura para mestres verdadeiramente dedicados á santa missão do ensino primario, que ventura ter um livro em linguagem amena e empolgante donde possam haurir, quasi espontaneamente, farto codigo de preceitos pedagogicos (inclusive os hygienicos, propriamente ditos ou os que com a Hygiene se relacionam, aliás sempre em maioría), preceitos que o bom senso e o tino pratico proclamam essenciaes á educação! E que mais é? sem ser mistér atravessar pensosamente os labyrinthos ou as pavorosas cryptas sombrias da Psychologia, de que os Höffdings e os James são tenebrosos espectros!

E é tão difficil escrever-se um livro como o do Sr. Agostinho de Campos, que o Dr. Afranio classificou-o como o *segundo apenas* de uma collecção que se fará e da qual considerou como *primeiro* o publicado *ha quasi tres seculos* (pois a edição *princeps* é de 1651) com o titulo *CARTA DE GUIA DE CASADOS*, por Dom Francisco Manuel de Mello.

Camillo Castello Branco, que em 1873 publicou no Porto uma edição dessa longa carta que elle dividiu em 55 capitulos — "cada um com seu titulo, podendo assim o leitor achar no *Indice* a materia que deseja reler ou consultar" — diz que ella "pertence á pequena collecção desses livros de philosophia que nunca descahem de sua virilidade, e vão de par, pelos seculos dentro, com as renovadas gerações, reafirmando perpetua mocidade".

Theophilo Braga, no seu *Manual da Historia da Literatura Portuguesa* (ed. do Porto, de 1875, pags. 358 e 366) faz a apologia de Dom Francisco Manuel de Mello a quem "ninguem na Europa igualava então no vigor das narrações e na unidade philosophica dada aos factos, por um criterio aprendido na vida real, como parte

activa nas revoluções, como victima das arbitrariedades, como prudente nas negociações diplomaticas, e como bom poeta, com esse dom de animar o que se passou diante dos seus olhos, ou que o impressionou profundamente".

Alexandre Herculano, referindo-se a famoso *Memorial* dirigido a El-rei D. João IV, por D. Francisco Manuel, classifica-o como "modelo de vehemencia, sentimento e estylo" e apresenta-o, "para que de caminho se veja quão rica e bella é esta nossa lingua portugueza, que, para exprimir affectos, nem carece de neologismos, nem de enredar-se de archaismos e de torcer-se no estylo metaphysico-barbaro dos rudes escriptores do 15.º seculo". (3).

Com taes louvores a exceptionaes predicados, e de tão altas autoridades, bem se pôde fazer idéa do que seja como obra prima e recommendavel a *CARTA DE GUIA DE CASADOS* do "sabio e elegantissimo Dom Francisco Manuel de Mello", como o distingue Mario Barreto nos seus *Novos Estudos da Lingua Portuguesa* (pag. 120).

A *CASA DE PAES, ESCOLA DE FILHOS* seria realmente o segundo volume da collecção de que fala o Dr. Afranio, si em 1895 já não houvesse apparecido o livro *ARTE DE EDUCAR OS FILHOS* do Dr. Americo Werneck, com 2.ª edição em 1897.

A' mingua de autoridade para algo dizer sobre este livro (para mim tão rico de conceitos e de uma pedagogia tão sã) recorro a dois lizeiros da imprensa.

Diz o *Jornal do Commercio* em longo parecer: "Fugindo ao chavão lisongeiro, não diremos que fizemos num folego a leitura desse bello livro. Lemo-lo attentamente, pausadamente, meditadamente. Lemo-lo com a curiosidade de quem, por amor ou vicio, segue os estudos psychophysiológicos. Lemo-lo com a attenção de quem segue os raciocinios superiores de uma philosophia sã, que se apropria do nosso espirito e nos encaminha, deleitando-nos durante horas ininterruptas, atravez de um mundo vastissimo de pensamentos e de idéas, que têm por base a observação consciente".

A *Gazeta de Noticias*, depois da apresentação do livro e da transcripção de alguns dos seus trechos, detem-se assim: "E' forçoso parar aqui e resistir á seducção dos conceitos do emerito escriptor. O livro *ARTE DE EDUCAR OS FILHOS* merece ser lido e meditado attentamente: por todos os paes e educadores; ha nelle conselhos judiciosos e praticos para todas as idades; ha nelle normas geraes de procedimento que deveriam ser o evangelho das mães".

(3) V. prefacio de Camillo á *Carta de Guia*, ou a *Selecta Nacional*, de Caldas Aulete, 7.ª ed. de Lisboa, de 1886, pag. 379, em que vêem, além da opinião de Herculano, alguns trechos do *Memorial*. V. tambem o cap. XII do curioso livro de Guilherme Bellegarde, *Subsidios Literarios*.

Leiam-n'o. E' empolgante, extremamente mimoso. E' de autor genuinamente brasileiro, e "eu tenho que nenhuma educação pôde ser boa, si não for eminentemente nacional", como disse o grande pensador Almeida Garrett no seu *livrinho DA EDUCAÇÃO*, que não sei si não poderia incorporar-se á collecção iniciada por D. Francisco.

Garrett pretendeu "guiar pela mão o pupillo passo a passo no caminho da educação, começando, para assim dizer, pelo embalar no berço, e acabando pelo collocar no meio da sociedade, membro e parte integrante d'ella".

Infelizmente dessa obra, que seu autor projectára em 4 volumes, só appareceu o primeiro em 1829 (edição de Londres). O segundo, "prompto a entrar no prelo", e outros valores, fructos de longas locubrações de cerebro tão privilegiado, "descançam em paz no amigo lodo do seu patrio rio onde se afundaram", como nos conta o proprio Garrett, no prefacio da 2.ª edição da sua *Adozinda*.

F. CABRITA.

P. S. — Rejubilei-me com o artigo do Dr. Frota Pessoa, inserido no n.º anterior desta revista, artigo magistral pela sua lucida argumentação e felicissima intuição do assumpto: "*A educação moral comporta um programma?*"

Está em muito boa companhia, senhor doutor. Basta o parecer de Ruy Barbosa, que enfeixa os das maiores autoridades:

"Não faltará quem pense em insinuar contra nós a pecha de contradicção, nestas duas duvidas: Si ligas este supremo valor á cultura moral, como lhe reservaes, na seriação dos objectos da escola, o ultimo logar? Si a moral sobreleva em alcance o ensino das materias usuas na escola, como lhe não abrir no programma um curso definido e proporcional á preciosidade inestimavel deste elemento de cultura?"

"Pelos mais obvios motivos.

"Occupamo-nos em derradeiro logar com a cultura moral; porque esta especie de cultura, aos nossos olhos, ha de ser um resultado, uma fructificação continua da direcção imprimida á escola em todas as funcções da sua vida.

"Não lhe assignamos, na organisação do programma, limites positivos, ensanchas certas e determinadas; porque é nosso pensamento que ella envolva no seu influxo o ensino todo; é nosso voto que se cultive. — não absurdamente, como até hoje, pelos processos didacticos, — mas praticamente, concretamente, experimentalmente, — unico systema capaz de fazer do sentimento moral, desde os nossos primeiros annos, uma parte viva da nossa alma, um principio constantemente actuante sobre o nosso procedimento".

Uma revista da ordem desta, que tende a exercer fecundissima influencia no ensino pri-

mario, deveria destinar uma pagina de cada numero para transcrever trechos escolhidos desse cimelio, dessa joia inestimavel da nossa literatura didactica, que é o *Parecer sobre o ensino primario* de Ruy Barbosa.

Sim!... Penosissima seria a escolha, diante de tão farto, tão rico, tão opulento thesouro!...

F. C.

AS PERVERSÕES DA EDUCAÇÃO CIVICA

O CULTO Á BANDEIRA

Não confio nos dogmas; fujo delles, temeroso de que me empolguem, pois não sei de escravidão mais pesada, nem mais infucunda. No entanto reconheço que os ha, que são necessarios.

As religiões reveladas, que, para um grande numero de seres, constituem um alimento espirital de excepcional substancia, não os poderiam dispensar.

— O todo é maior que a parte; duas quantidades eguaes a uma terceira são eguaes entre si; dous e dous formam quatro; — são dogmas que têm alliviado a humanidade de muitos tormentos especulativos. Ainda assim, a esses mesmos, tão accetaveis, estou que applicaria, se lhes tivesse de dar um grave emprego, meus instrumentos verificados.

A educação civica tem seus dogmas.

Alguns estão ligados aos symbolos patrios — a bandeira, o hymno; outros entendem com a suspeita internacional e com a expansão systematica da força.

De um lado, festas e apothoses, orações e hymnos, juramentos e adorações; de outro lado, suggestões guerreiras, appello ás armas, voluntariado e alistamento.

O grande poeta Olavo Bilac, com o seu éstro abrazado, cinzela uma prece á Bandeira e, apostolo itinerante, palmilha estes Brazis, recrutando os moços para a defesa nacional.

* * *

— Onde está a bandeira, ahi está a Patria. A bandeira é um emblema sagrado; qualquer offensa que lhe é irrogada atinge o coração da Patria. Devemos defendel-a com o sacrificio da propria vida.

Parece um dogma indiscutivel.

Mas não será hyperbolico e vago? Sua interpretação literal ia pondo em risco a vida daquele ingenuo rapaz, saturado de mysticismo civico, que, em um naufragio recente, se engalfinhou a uma bandeira nacional, para salvá-a, ou perecer com ella.

A bandeira tem seus momentos decisivos e caracteristicos. E' de uma significação super-humana nas trincheiras do territorio patrio invadido; carece de expressão e é um galhardete, em uma mercearia ou num barco de recreio.

Essa relatividade está sendo compromettida

pela consagração hierática do culto agora creado e executado com hysterica pompa.

A força de se inocular na creança essa idolatria, acabaremos formando gerações de feticchistas, para as quaes o sentimento da Patria, ideal e nebuloso, se substituirá pela adoração a esse idolo concreto e palpavel, que se vê fulgir e tremular.

E' proprio da psychologia humana afeioarmonos aos objectos com que estamos em contacto perenne, principalmente se moveis sentimentaes estimulam o nosso apêgo e se essa afeição vem sendo habitualmente desenvolvida e confirmada pelos mil artificios da suggestão.

E esse amor se arraiga muitas vezes, a ponto de olvidarmos as idéas que esses objectos representam.

Assim succede nas religiões, que para a massa popular são antes o conjunto de templos, imagens, ritos e paramentos, que constituem o culto externo, do que um corpo de doutrinas e um codigo de moral.

Seria recommendavel que se moderasse esse furor civicus, revelado por uma alluvião de festas, discursos, hymnos e cantarólas. Familiarisemos a bandeira, como propõe o illustre Medeiros e Albuquerque para o hymno nacional.

Façamos della, não o fetiche intangível e melindroso, mas um symbolo simples e opportuno da nossa terra, respeitado, mas não adorado.

E' preciso destacar a concepção de Patria e do sentimento patrio do cadaver de um emblema inerte e vivifical-a por noções, que não sejam essas formulas, essas phrases feitas, esses dythirambos palavrosos.

Nossa educação civica se ha de cimentar pelo conhecimento das instituições nacionaes, pelo estudo de nossa historia e tradições, pela previsão do nosso destino e pela confissão corajosa de nossos vicios de raça e de organização social e politica.

O que urge é cultivar o cidadão, dar-lhe autonomia psychica, mostrar-lhe as vantagens do esforço intenso e convergente, ensinar-lhe a moral do trabalho, vincular seu destino ao destino da terra, pois não ha solidariedade mais legitima e mais indissolúvel do que a que se funda na communhão de interesses vitaes.

Para o surto do civicismo, o que é tambem essencial é que a Nação seja respeitada pelos homens que a dirigem, é que tenha termo o sybaritismo politico e que não hesite o educador em condemnar os erros e os crimes que contra a Patria commettem os gozadores e parasitas que a usufruem, em vez de servil-a.

No seu interessante livro *Minha terra e minha gente*, Afranio Peixoto adoptou até certo ponto essa orientação.

Não é o elogio systematico que edifica o civicismo, mas a verdade, pronunciada com discrição, mas com sinceridade.

Pelo culto á bandeira nunca chegará a creança á educação civica; mais seguramente seu patriotismo se enkistará, resequido e atrophiado pelo convencionalismo insipido dessas devoções festivas.

* *

Aliás, não é propriamente a *crear* o amor da

Patria que tende a educação civica; esse amor faz parte da nossa trama nervosa, é substancia do nosso organismo, vive nelle, incubado e infallível, fortalecido por millenios de formação systematica e de transmissão hereditaria. E' um sentimento innato e indestructível e tão adherente, tão inherente á nossa natureza, que, nos momentos de crise, vence todos os egoismos humanos, suffoca mesmo todos os outros amores, e mais irresistível que estes, nos arrasta á perda dos bens terrenos e ao sacrificio da propria vida.

O que busca a educação civica é catalogar e systematisar as razões do nosso amor pela Patria, para assim tornal-o mais vigilante, é della nos fornecer as noções completas, della nos dar o conhecimento integral, de modo a podermos, com o maximo de efficacia, applicar em seu proveito, e portanto em nosso proveito, o nosso esforço, o nosso labor e a nossa intelligencia. Os ritos formalisticos entibiam esse afan, vão gastando o entusiasmo, embotando a emoção e acabam por esmagar todos os estímulos sob uma montanha de tédio.

Quando não fosse nocivo, o culto á bandeira seria inutil. Do amor da Patria decorre necessariamente o respeito a tudo o que a evoca.

Amamos um retrato, porque amamos o original; seria, porém, absurdo o exercicio sentimental em torno de uma reliquia, com o fito de crear ou desenvolver o nosso amor pela pessoa que ella representa.

Ha, portanto, no culto á bandeira, um contra-senso, que offende umas tantas regras de psychologia, e mesmo de logica vulgar.

* *

Não desconheço a importante significação dos symbolos, nem desdenho da função social dos ritos.

Os povos devem ter suas datas festivas e commemoral-as, devem respeitar e constantemente evocar os grandes vultos de sua historia, para lição e estímulo dos contemporaneos.

Esta é a parte suggestiva, mystica, da educação civica, impotente, porém, por si só, para formar e caldear a alma de uma raça, para constituir a amalgama nacional.

E dessas commemorações, a que tem por objectivo cultural a bandeira, é a mais inexpressiva, a mais falsa e a mais convencional, porque a bandeira, sendo um emblema essencialmente guerreiro, só fala realmente de feitos militares e, portanto, só lembra da Patria a sua chronica bellicosa, que é um accidente na sua biographia, e nada nos diz da sua vida civil, que é quasi toda a sua existencia.

Além de que a bandeira só representa a Patria em uma de suas attitudes esporadicas, em um de seus gestos de desespero, de soffrimento e de allucinação, representação parcialissima e incompleta, seu culto só aprofunda nas almas o sentimento do heroismo guerreiro, da rivalidade internacional, da prevenção de povo contra povo, o orgulho da força, a indifferença pela felicidade das outras raças, o que é um attentado contra o ideal da solidariedade universal, que é o de grandes pensadores e está mesmo oficialmente adoptado nos programmas de educação moral e civica.

Só por uma força de expressão, muito curiosa pela sua notoria inverdade, se pôde dizer da bandeira que ella é o "symbolo augusto da paz".

Mas nem por isso, entenda-se, deixa ella de merecer o respeito de todos os cidadãos, e é o que basta incutir no espirito da creança, embora insistindo-se na relatividade da sua representação, para não fazer crer que esta abrange, condensa e synthetisa toda a existencia nacional, o que é inverdico.

A par dessa noção precisa, exacta, expurgada de metaphysica, e ao lado das commemorações civicas a que alludi e que são legitimas, ha que emprehender a obra educativa popular, com a formação do caracter nacional, usando-se para isso de todos os recursos da pedagogia e da orthopedia moral, e que vae desde a cultura physica até á historia e á sociologia, e até mesmo ao libello tranquillo, imparcial, inflexível, dos erros dos homens e dos vicios das instituições.

Emquanto a educação civica fôr esse precipitado de exaltações feticchistas, de elogios á nossa natureza, ás nossas riquezas, ás nossas glorias, ao nosso regimen politico, tudo isso baldo de observação e de critica sincera, as creanças, victimas della, terão, quando emancipadas, que refazer sua mentalidade, lutando por extirpar as incrustações, e desprender os sedimentos, que se cravaram e se depositaram no seu cerebro, durante toda sua infancia.

E ainda felizes aquellas — a maioria talvez — que aprendem e entoam o hymno á Bandeira, como aprenderam e entoaram a *Maria Cachucha*, estropeando-lhe as phrases, e nada percebendo das intenções reconditas que elle traz nos seus carmes rhythmados e maviosos.

FROTA PESSOA.

O QUE OUTR'ORA SE DIZIA SOBRE INSTRUÇÃO

Tratando-se de uma revista didactica como é a *Escola Primaria* não vem fóra de proposito rememorar a importancia que os antigos ligavam á ardua e delicada missão do magisterio.

A muitos talvez se afigure hoje o assumpto sem relevancia, uma *velharia*, sem se lembrarem de que o futuro da patria depende do professor.

O general japonex a quem eram dados parabens pela victoria sobre os russos, retorquia que lhe não cabiam as glorias, as homenagens prestadas, e sim ao professor que paciente e efficacmente soube instillar no tenro coração do discipulo, futuro soldado, o amor da patria, convencendo-o de que por ella tudo devia sacrificar, até a vida.

E uma vez que o futuro de uma nação tanto depende da escola, cumpre aos poderes publicos formar, escolher bons professores que saibam preparar uma nova geração em condições de fazer a felicidade, o engrandecimento da terra querida.

Dizia Seneca que o professor não devia ter nem tolerar vicios.

E' de summa importancia tenham os meninos professores e preceptores de genio brando, porque, em crescendo, aquelles reproduzem os costumes dos que os crearam e instruíram.

Um menino educado por Platão, de volta á casa paterna, vendo o pae muito encolerizado, dizia: "Nunca vi semelhante cousa em casa do meu professor".

Quintiliano aconselhava que quando um menino tivesse de ser confiado aos cuidados de um preceptor, a indole e os costumes deste deviam ser observados com anticipação e cuidado.

"Não basta seja o mestre integro. E' preciso que tambem tenha os sentimentos de um bom pae e se convença de que faz as vezes dos que lhe confiam os filhos. Convem que não tenha vicios nem tão pouco os tolere".

Eis o conselho que Plinio dava á Corellia Hispula, na escolha de um professor de rhetorica para o filho da mesma:

"Tendo eu tido vosso pae, homem muito considerado e honrado, em grande estima, e consagrando-vos muita amizade, devo desejar que vosso filho se torne digno do avô, e até concorrer para esse fim.

Elle só poderá imitar vosso pae se estiver possuido de bons sentimentos; mas de quem os poderá receber?"

Eis uma questão muito importante. Até hoje o verdor dos annos o conservou directamente sob vossas vistas. Agora porém o ensino lhe deve ser ministrado fóra de casa. Parece-me que vos posso indicar J. Genitor. E' meu amigo, homem sério e honrado; talvez um pouco severo e rispido, a julgar pela licença de nossa época.

Vosso filho não ouvirá delle cousa alguma do que não possa tirar proveito, nem tão pouco aprenderá o que seria melhor ignorar.

Genitor terá o mesmo interesse que vós em lembrar-lhe a conservação do brilho do nome que traz.

Confiae-o, pois, com o auxilio dos deuses, a este professor capaz de formar-lhe o coração para o bem e ensinar-lhe eloquencia que se não aprende sem ter boa educação."

"A severidade do mestre não deve ir á ferocidade, nem tão pouco a brandura converter-se em fraqueza.

A primeira leva ao odio e a segunda ao despreso.

Em seu trato deve ter por norma a honestidade e o bem.

Que na censura não vá até á colera; mas tambem não falte com a correcção, quando fôr mister.

Simples no modo de ensinar e infatigavel no trabalho.

Responda com clareza ás consultas dos que desejam aprender, e interogue livremente os que não fazem perguntas."

São de Quintiliano taes conceitos. Não lhe falta competencia.

Conta Suetonio que Orbilio, pupillo de Benevente, tendo terminado o serviço militar, voltou aos estudos que desde a infancia fazia com seriedade, e depois de ter exercido por longo tempo o magisterio em sua terra, veio para Roma, na idade de 50 annos, onde ensinou com mais fama que proveito. E na realidade, já velho, elle se diz pobre em um de seus livros.

Era de genio violento, não só contra os sophistas que fustigava de todos os modos, como tambem contra os discipulos, como no'lo diz Horacio que lhe chama espancador (*plagosum*).

Não é digno de censura o pae que, por qualquer pretexto, dá pancada nos filhos, para corrigil-os?

Qual dos dois professores vos parecerá melhor, o que dá bordoadas nos discipulos, ou o que os instrue e corrige advertindo-os e estimulando-lhes o brio?

E' justo que se eduque a creatura humana com mais dureza que os animaes?

O habil picador não procura domar o cavallo por meio de frequentes pancadas. E' mais pela caricia que o consegue amansar.

Assim faz o caçador, educando, ensinando os cães novos a seguir a pista, e mais tarde a levantar a caça.

"O professor que se tem em conta de bom educador deve primeiro estudar, conhecer a indole do menino que lhe fór confiado, para saber de que modo deve tratal-o". São conselhos de Seneca.

A educação exige attenção mais particular, porque se é facil preparar para o bem tenros corações é difficil desenraizar vicios e defeitos que cresceram com a creatura humana. "O vaso conservará por longo tempo o odor de que se impregnou quando novo." — Quo semel est imbuta recens servabit odorem. Testa diu (Horacio).

O menino não deve habituar-se a uma linguagem ou cousa que mais tarde deva esquecer, e em seu beneficio será para desejar que os paes tenham a maior somma possivel de instrução, porque o seu saber e suas virtudes mais tarde se reflectirão nos filhos.

Cornelia, mãe dos Gracchos, cujas cartas offerecem á posteridade o modelo de purissimo estylo, em resposta a uma dama da Campania, sua hospede, que lhe mostrava joias de alto valor, dizia, apresentando-lhe os filhos que voltavam da escola: "Eis as joias que possuo".

Essa mesma Cornelia, como Aurelia, mãe de Cesar e Atia, mãe de Augusto, é Tacito que nos conta, foram sollicitas na educação dos filhos, que a historia apresenta como cidadãos notaveis.

Si aos leitores da *Escola Primaria* interessarem estas *excavações*, outros conceitos de classicos gregos e latinos aqui serão reproduzidos sobre o mesmo assumpto; do contrario não mais abusarei de sua benevolencia.

SILVA GOMES.

TRATAMENTO MEDICO ESCOLAR

Vae para seis mezes que foi creado o serviço de *Inspecção Médica* das Escolas Municipaes. Seria irrisorio e inteiramente superfluo procurar justificativas no século XX para a criação de tal serviço. O século actual pertence ao cultivo do ser sadio; á hygiene. E, a esse respeito ninguem necessita tanto do auxilio dos Poderes Publicos como a creança que se inicia na phase escolar. Certo, ainda hoje o systema encontra opposicionistas, á maneira da vacinação anti-variolicia. A argumentação d'elles, porém, é tão fragil que nem ao menos deve ser tomada em consideração. No nosso meio, o serviço tem encontrado certa opposição, por uma razão muito simples: o ignorarem os fins razoaveis da *Inspecção Médica Escolar*. Com effeito; hygiene escolar constitue uma especialidade relativamente nova, *jamaiz* applicada ao nosso meio. Faltam-nos, mui naturalmente, pessoas que possuam real competencia a respeito, sob o ponto de vista *pratico*. Os povos europeos e norte-americanos praticaram uma série interminavel de erros durante dezenas de annos até que conseguiram organizar o serviço de modo a colher os resultados praticos tão pressurosamente almejados. Durante meio século, os governos dispersaram sommas fabulosas, os médicos escolares desenvolveram assombrosa actividade e, no entanto, o fim collimado fugia sempre ao alcance. Afinal, ao limiar do século das guerras, excepção feita de alguns espiritos invejaveis, que tudo olham através o prisma da realidade, homens dotados do "*instincto pratico*", os professores Rabinowitz, da Finlândia; Limberg, de Petrograd, e sobre todos, Jessen, de Strassburg, por exemplo — despertaram todos atordoados pelos resultados insignificantes na *Inspecção Médica* das Escolas, que ha perto de 30 annos vinha sendo instituida na Europa e foram accordes sobre a necessidade absoluta da criação de um outro serviço complementar áquelle, de modo a que os seus desígnios pudessem ter realização pratica.

E é isso justamente o que se ignora na nossa Capital.

Criticam o corpo de Médicos Escolares pela pequena monta dos resultados praticos colhidos. Sabiam todos, porém, que por mais que trabalhemos, por mais que nos esforcemos, taes resultados serão sempre relativamente insignificantes enquanto o serviço de *Inspecção Médica* dos alumnos permanecer *isolado*. E não é só isso: por mais paradoxal que pareça, o serviço de *inspecção* médica escolar *isolado* é antes prejudicial, por isso que o pessimo systema das *evicções* corre poderosamente para diminuir a frequencia escolar e, eliminando da escola alumnos intelligentes e applicados, por motivo de certas affecções parasitarias da pelle, do couro cabeludo, etc., etc., ou pelo facto de serem "portadores de germens", etc.,

etc., dá ensejo a que se transformem em vagabundos de rua.

Excluimol-os da escola por causa da protecção devida aos outros alumnos, mas não lhes offerecemos meios de tratamento; esses meninos, que se não sentem incommodados pelas affecções de que são portadores, vão para a via publica transmitil-as aos companheiros de vadiagem e, ao fim de certo tempo, uma vez desaparecido o motivo que os eliminou da Escola, elles relutam em voltar ao estudo, por mais applicados que d'antes fossem, e quando o fazem, jámais serão tão bons alumnos como d'antes.

Nessas condições, o serviço de *inspecção* médica favorece a péraltice. E é por esse motivo que muita gente que se diz instruida no nosso meio, critica o serviço médico-escolar. Ignora-se que a *inspecção* médica escolar é *essencialmente um serviço de archivo e estatística*; que tem por fim capital *reconhecer apenas quaes os alumnos doentes*, sem tratal-os. A *inspecção* é apenas a semente, o alicerce, do serviço de *hygiene* escolar.

Por ella foi iniciado em todos os centros civilizados o serviço de protecção sanitaria das creanças nas escolas publicas. Não exijam mais do ella pôde dar. A cúpula do edificio é representada pela instituição do serviço de "*Tratamento médico-escolar*", pela fundação das "*Clinicas escolares*". O historico da hygiene escolar resume-se afinal nessas duas phases. E' passivel, pois, de critica o serviço de *inspecção* médica das escolas municipaes no Rio de Janeiro? Absolutamente não. Mais cedo ou mais tarde a população da nossa capital ha de se mostrar extremamente grata aos seus creadores.

Vivemos em verdadeira lethargia durante meio século, inteiramente alheios aos grandes progressos da hygiene escolar na Europa e na Norte-America, e agora exigimos a organização do serviço com a presteza dos movimentos convulsivos. O serviço de hygiene escolar ha de forçosamente ser iniciado peló de *inspecção* médica dos alumnos, o qual tem a grande vantagem de *preparar o espirito dos paes* para a aceitação do serviço do "*Tratamento médico-escolar*".

Sem primeiramente reconhecermos quaes os alumnos necessitados de assistencia médica, as clinicas escolares não pôdem funcionar. Esse trabalho lento, surdo, sem dar resultados praticos aparentemente, como é o serviço de *inspecção*, educa o povo e o prepara para receber de bom grado o tratamento gratuito que se lhe offerece.

Posso asseverar que todas as escolas *inspeccionadas* por mim tiveram a frequencia diminuida. Muitos paes revoltam-se contra o facto de ver os seus filhos examinados por médico desconhecido. E' mui natural. Os boatos desfavoraveis são tantos... Ao fim de algum tempo, porém, convencem-se da utilidade do serviço e então aquelle trabalho "inutil" da *inspecção* dará os resultados praticos almejados.

As aulas de hygiene, tambem, são de grande pro-

veito. Púde convencer-me d'isso durante o mez de Novembro, quando dei as aulas ás turmas complementares, de accordo com o regulamento.

A estatística organizada por mim é um documento absolutamente demonstrativo do pessimo estado sanitario da infancia que frequenta as escolas municipaes. 1.044 alumnos examinados, apresentam 1.194 males, que precisam de correcção médica.

Avultado, extraordinariamente avultado, em relação ás estatísticas estrangeiras é o numero de creanças tuberculosas ou suspeitas taes. Todos sabem como a tuberculose dévasta o nosso povo. Pois bem; é mui frequente ouvirmos das creanças a historia de que em casa ha um parente ou um primo ou um *amigo* (!) tuberculoso. Dão hospedagem por caridade. Commum é a historia de hospedagem por caridade. Commum é a historia de dormirem 4 e 6 irmãosinhos sobre o mesmo leito, em um quartinho que mal comporta a cama, e com as janellas de madeira e vidro inteiramente cerradas. D'ahi a frequencia da "anémia", e da tuberculose ganglionar. São em grande numero os alumnos que passam mezes sem banho; dizem com toda ingenuidade: "a mamãe só me lava o rosto e os braços para eu vir para a escola". A alimentação déficiente, tambem, prepondera nas classes pobres.

E a falta de asseo, a alimentação déficiente, o ar confinado nos quartos de dormir, o convívio com physicos em casa, explicam fartamente a frequencia da tuberculose na infancia escolar do Rio. Tudo isso pôde ser combatido efficazmente com as aulas de hygiene e a instrução dos paes. E assim o foi em parte, este anno, segundo o testemunho das sras. directoras.

Podia illustrar estas notas com a exposição de dezenas de casos de creanças doentes que positivamente melhoraram de situação após o exame médico. Vejam-se, porém, apenas, uma meia duzia de exemplos:

Em uma escola do Andarahy Grande havia um menino de 7 annos de idade (P. P. M.) com *herpes tonsurans*, hypertrophia enorme das amygdalas, vegetações adenoideas e *surdes* consecutiva. Melhorou sensivelmente após a operação.

Nessa mesma escola encontrei quatro casos de tuberculose *pulmonar aberta*. Os paes foram convenientemente instruidos e os meninos, vivendo ao ar livre, melhoraram, segundo fui informado ha poucos dias.

Em uma escola á rua S. Francisco Xavier, encontrei um caso de *ozena* exhalando excessivamente mal. A sua eliminação foi um bem para os outros meninos.

Algumas creanças *myopes* tiveram a vista corrigida. Em uma escola á rua Paim Pamplona, encontrei um alumno com hemiplegia espastica direita e dysarthrico. A sua anamnese é mui illustrativa. Soffria, ha muito, de terrivel dôr de ca-

beça; os paes pensavam que o filho simulasse doença no intuito de não ir á escola. Breve, *ictus cerebral* e hémiplegia. A mãe soffre das faculdades mentaes (paralysis geral?). Dois irmãos que frequentam a mesma escola accusam igualmente cephálea intensa. Insisti junto a uma pessoa da familia para que fosse instituida, sem perda de tempo, a medicação especifica.

Vi uma creança de 8 annos, n'essa mesma escola, que era castigada em casa, pelo facto de quebrar varios objectos á noitinha, logo que escurecia. Tratava-se de um caso de *cegueira nocturna, nyctalopia* (degeneração pigmentaria da rétina, mui provavelmente), e nessas condições, uma vez esclarecida a situação, os paes não mais castigaram a creança.

É assim, muitos outros casos.

A *inspecção* médico-escolar presta, pois, algum beneficio. Os seus resultados são, porém, insignificantes quando comparados áquelles que se obtém quando o serviço de hygiene escolar está perfeitamente organizado.

É da maxima importancia não confundir a *inspecção* isolada com a hygiene escolar.

Ella é apenas serviço de iniciação d'esta ultima. Construir as Clinicas Escolares antes do serviço de *inspecção* médica dos alumnos é collocar o "carro adeante dos bois".

É um absurdo, pois, pedir que o trabalho de *inspecção* médica seja *menor estatístico e mais pratico*, conforme ouço dizer de todos os lados. O serviço de *inspecção* tem por fim essencialmente descobrir quaes os alumnos que necessitam de tratamento médico ou dentario. Ella archiva os factos, organiza estatísticas e envia as creanças para as "Clinicas Escolares", afim de receberem a assistencia necessitada.

Os povos novos, em via de formação, têm a grande vantagem de se utilizarem da experiencia dos povos antigos. É esse justamente o nosso caso. É absolutamente inadmissivel que tornemos a praticar os mesmos erros dos Europeos e Norte-Americanos, onde o serviço de hygiene escolar está organizado.

Devemos crear immediatamente um corpo de enfermeiros e construir algumas "Clinicas escolares" se quizermos prestar, de verdade, assistencia á infancia das escolas municipaes.

O serviço de "Tratamento médico escolar" nasceu hontem; elle é o complemento indispensavel ao serviço de "inspecção".

Antes da sua criação apenas 6 % das creanças doentes recebiam tratamento médico; após ella, a percentagem dos casos tratados subiu a 80 e 90 %!

As affecções da garganta (amygdalas hyperthro-

phiadas, vegetações adénoides), nariz (espinhas, polippos), olhos (vicios de refração sobretudo), constituem a enorme maioria dos casos de "males" escolares, após a carie dentaria.

É mui facil, pois, organizar "Clinicas Escolares" simples, sem o menor luxo, para tratar desses pequenos males.

Quando *Jessen*, o homem que mais fez no mundo inteiro pela hygiene escolar, fundou a clinica dentaria de *Strassburg*, em 1888, apenas algumas creanças receberam assistencia nos primeiros tempos. Em 1911, 1.100.000 alumnos das escolas publicas na Allemanha passaram pelas clinicas dentarias. Não podemos ter a pretensão de construir clinicas gigantescas como a de *Strassburg* ou a "*Forsith Dental Infirmary*", de *Boston*; façamos, porém, coisa muito modesta onde as creanças indigentes possam receber tratamento correctivo dos "males" descobertos pela *inspecção* médica. S. Paulo já possui o *Dispensario Maria Theodora Arantes*. Não podemos permanecer de braços cruzados.

O essencial, porém, é que só sejam enviadas ás "Clinicas" as creanças indigentes! As "Clinicas" devem ficar ao cargo de especialistas e nós, médicos inspectores, nada temos a ver com ellas.

Os inglezes e os americanos cantam hosannas ás enfermeiras. Affirmam, mesmo, que a salvação, da patria está nas mãos d'ellas. Estou absolutamente convencido da véracidade da phrase e acho que é da mais absoluta necessidade instituirmos escolas de enfermeiras para tratar das creanças nas escolas municipaes.

Dr. OSCAR CLARCK.

(Medico inspector escolar da 12.^a circumscripção)

* Quem quer que conheça, ainda sem demora, o serviço escolar do Rio de Janeiro, concluirá que elle deve ser, em certas zonas pelo menos, connexo com o de assistencia. O Districto Federal, é grande como um Estado, e está, pela maior parte, numa assentada á beira mar, no sopé de montanhas, onde as aguas estagnadas encharcam as terras e se tornam pantanos perigosos. Não será de extranhar que o impudismo e outras mazellas dizem populações rurais e que no estudo de frequencia escolar dessas zonas se cuide do saneamento dellas e até da assistencia médica e prophylatica desses pobres alumnos doentes.

Que o caso se realiza tambem na zona urbana é o que nos diz o estudo do nosso collaborador, que se junta assim aos medicos alistados na cruzada que prega o Prof. Miguel Pereira, para o tratamento da raça brasileira doente. Ainda que os propagandistas das boas causas, devam exaggerar, para despertar a entorpecida attenção publica, não padece duvida, que problema digno de estudo, e que reclama solução é esse das clinicas infantis escolares, com o que teriamos alumnos sarados e sádios, para nossas escolas.

(Nota da redacção.)

II. — A ESCOLA

A LEITURA EM VOZ ALTA

Um dos assumptos mais dignos da attenção dos que se interessam pela educação da mocidade é sem duvida o da leitura em voz alta. É facto notorio e lamentavel que pouca gente, até entre literatos, sabe ler bem. Articulação imperfeita, inobservancia das pausas, desconhecimento das regras elementares da pontuação, monotonia, ignorancia da esteita dependencia em que se acha a boa leitura em voz alta de um processo respiratorio bem conduzido, tudo são causas que concorrem para o mesmo effeito: a leitura defeituosa, mortificante, insupportavel.

Saber ler em voz alta, não representa apenas a capacidade de impressionar um auditorio numeroso e exigente, em conferencia, discurso ou preleção. A leitura em familia é prazer dos melhoes, quando o leitor entende do officio; mas prazer entre nós rarissimo, porque não ha quem esteja disposto a escutar, quando não ha quem saiba dar expressão ao que diz. A aversão ou indifferença que provoca a leitura do refeitório em certos estabelecimentos, aliás optimos, de educação da mocidade, explica-se facilmente, dada a extranhavel pratica rotineira de exigir que taes leituras se façam numa toada hypnotica, sem inflexões, sem relevo, sem attender sequer ás vezes aos pontos de interrogação ou de exclamação.

Mas, além da importancia de saber ler em voz alta diante de um publico mais ou menos numeroso, seja o simples circulo familiar, sejam os auditorios complexos e não raro intimidadores dos grandes centros sociaes, existe ainda outro aspecto nesta questão da leitura, que a muitos se afigurará paradoxal á primeira vista: as vantagens decorrentes da leitura em voz alta para o proprio leitor.

E, para começar por uma das consequencias mais elementares da leitura em voz alta para aquelle que lê, sublinhemos logo a grande facilidade que ella empresta ao decorar. Aprender de cór é cousa fastidiosa, mas inevitavel. Embora a tendencia moderna seja sobrecarregar o menos possivel a memoria para desenvolver o mais que se puder a facilidade de raciocinar, ainda assim ninguem está isento da obrigação de decorar umas tantas cousas, em geographia, historia, etc. Ora é noção psychologica elementar que a memoria é faculdade complexa e variavel e apresenta diferentes typos. Na realidade ha tantas memorias especiaes, quantos são os sentidos e órgãos (1). Dahi a maior facilidade em reter o que lemos em voz alta, pois exercitamos simultaneamente a memoria *visual*, a *auditiva* e a

motora (2). Quantos perdem seu tempo e se martyrisam a ler e rler o mesmo trecho, em voz baixa ou simplesmente percorrendo-o com os olhos, vezes a fio, para o decorar, que mais depressa e com menor enfado o aprenderiam, si o lessem de *vagar, com expressão, em voz alta!* Si todos assim fizessem, não ouviriamos nós, os professores, certas respostas absurdas em aula, respostas que julgaríamos gracejos ou anedotas si outrem no-las referissem: "Rio é uma corrente d'agua mais ou menos *escandalosa*..." ou "Páris, filho de Priamo, raptou *Magdalena*, mulher de *Moroven*" (3).

Outras vantagens, porém, e sobrexcellentes, ainda nos depara a leitura em voz alta. Os echos, duras repetições e outros defeitos da fórma, facilmente nos escapam na simples visão do texto. Os escriptores que relem em voz alta o que traçaram no papel, sabem por experiencia quanto o processo é fecundo para as emendas. Trecho que resiste á prova, é dos bons. Só então se percebe a musica das phrases. O trecho lido, ás vezes, assume outro vulto, como que se transfigura, descobrimos nelle primores que estavam por assim dizer latentes, effeitos de expressão verbal que a primeira leitura silenciosa e apagada não pudera revelar (4).

Quanta belleza, por exemplo, na leitura expressiva deste fragmento:

"Senhores: Muitas e muitas vezes me attrahiu aqui, nas tardes de estio, á vossa praça de Carlos Gomes, o espectáculo da volta das andorinhas. Louvada seja a vossa edilidade, por haver respeitado essa maravilha, e não ter desfeito a antiga pouxada a esses alados mensageiros do espaço. Os estranhos, os peregrinos da curiosidade e do gosto virão com frequencia contemplar embevecidos, como eu, o incomparavel quadro vespertino. O pincel dos amigos da natureza trabalhará por debuxal-onas telas com as mais suaves tintas da sua paleta. Algum poeta o dedilhará na lyra, em versos que perdurem como os de Anacreonte.

Eu não canto, nem pinto; mas revejo e recordo. Pelo limpidio azul já sem sol, antes que se lhe esvaia de todo o oiro dos seus átomos de luz, mas quando o crepusculo entra a desmaiar do seu brilho a saphira celeste, um ponto retinto, perdido nos longes mais remotos, se accentua em negro na cupula do firmamento, lá, bem no alto, bem de cima, como se a ponta de uma setta, desfechada perpendicularmente de além, varasse ali a redondeza anilada.

Era um; e, logo após, já são muitos, já vêm surdindo innumeraveis, já parecem infinitos; já se cruzam, se cruzam; já se encontram e circulam; já se condensam e escurrecem. Eram um grupo; e já formam um bando, já vêm crescendo em longas revoadas, já refervem em enxames e enxames, já se estendem numa vasta nuvem agitada. Toldaram o céu, encheram o ar, vêm-nos ondeando sobre as cabeças. Agora, afinal, com os movimentos de uma grande vaga sombria, ponteada de branco, a librar-se entre a terra e a immensidade, baixa a massa inquieta, moreojando, oscilando, fluctuando, rasga-se na corôa das palmeiras, açoita os fios telegraphicos, resvala pelos teetos do casario, e, ao cabo, arfando e remoinhando, turbilhoando e res-

(2) Dahi se conclue tambem a excellencia da copia, que pôe em actividade a memoria dos *movimentos graphicos*, e que, *lida depois alto*, exercita as outras memorias.

(3) Authentico.

(4) Vejame-se as interessantes observações de Legouvé no livro *L'art de la Lecture*, caps. III e IV, da 2.^a parte.

Trate o professor de extirpal-as como herva má, e de corrigir o gosto literario dos discipulos.

Quando a palavra *abraço* se substitue por *amplexo*, muito pôr *mui*, mãe por *progenitora*, *sol* por *astro-rei*, etc., mal vae a formação do espirito do alumno.

Cortae sem piedade as *relvas verdejantes*, os *prados esmaltados*, podae as exuberancias do estylo florido, deixando só o que é simples, o que é corrente.

O. S. R.

CALCULO ABREVIADO PARA SER RAPIDO

A «*Notre Dame*», o «*Raunier*» e outras casas importantes do commercio do Rio de Janeiro costumam annunciar o abatimento de 20 % nas suas vendas, em certas épocas do anno. O Alves assim procede, ha muito tempo, com os seus antigos freguezes de livros que exercem o magisterio.

Vinte por cento quer dizer vinte em cada cento ou vinte em avos, vinte centavos, do preço effectivo da mercadoria. Mas, vinte em avos ou vinte centesimos são dois decimos; logo, abater 20 % é abater dois decimos, isto é, dobrar o preço e cortar um algarismo á direita, ou cortar primeiro e dobrar depois, ou tomar a quinta parte do preço, pois que dois decimos correspondem a um quinto ou quinta parte.

Um livro custa 18\$000 rs. Terá o abatimento de 3\$600 rs.

Semelhantemente o abatimento:

de 25 %	corresponde ao de 25/100 ou de 1/4 do preço;
» 10 %	» 10/100 ou de 1/10 do preço;
» 5 %	» da metade do de 10 %;
» 15 %	» de 10 % mais metade do de 10 %;
» 10 %	» dobro do de 5 %;
» 50 %	» da metade do preço;
» 75 %	» do triplo do de 25 %;
» 1 %	» da centesima parte;
» 2 %	» quinta parte do de 10 %;
» 2 1/2 %	» quarta parte do de 10 %;

Os que fazem directamente o calculo do abatimento ou do lucro proveniente do emprego de uma quantia, a 25 %, têm de multiplicar a quantia por 25, e em geral esquem que multiplicar um numero por 25 equivale a multiplica-lo por 100, isto é, a multi-

plica-lo por 100 e a tomar a quarta parte do resultado, o que é muito mais simples e mais economico do que multiplicar por 5, multiplicar por 2, sublinhar, e sommar os dois productos parciais.

Assim tambem inversamente: dividir um numero por 25 equivale a dividi-lo por 100/4

ou a multiplica-lo por 4 (divisor invertido), isto é, multiplica-lo por 4 e separar dois algarismos á direita. Assim, 538 ÷ 25 = 21,52.

Si o multiplicador fosse 125 (que é a oitava parte de 1000) bastaria multiplicar por 1000 e tomar a oitava parte. Inversamente, para dividir por 125 bastaria multiplicar por 8 e separar tres algarismos para a direita.

São velharias, que, por muito repetidas, nada perdem. Entretanto, ainda haverá quem não saiba multiplicar por 11, principalmente em se tratando de um numero de dois algarismos, em que basta sommar esses algarismos e intercalar a somma, forçando o das dezenas de uma unidade quando a referida somma exceder a 10. Pois isto constitue excellente motivo para o classico *argumento de taboada*:

34 vezes 11?	...	374;	72 vezes 11?	...	792;
62 vezes 11?	...	682;	57 vezes 11?	...	627;
99 vezes 11?	...	1089.			

Si o multiplicando for maior, escrever-se-á (para começar a formar o producto) o primeiro algarismo do multiplicando, sommar-se-á este com o segundo, este com o terceiro e assim por diante até ao ultimo que será conservado tal qual, ou augmentado de uma unidade (reserva da somma precedente).

Na realidade é isto o que se faz quando se sommam os dois productos parciais provenientes do multiplicando por cada um dos algarismos do multiplicador, dizendo-se tolamente:

uma vez 7 é 7,	uma vez 8 é 8,	uma vez 5 é 5,	etc, para afinal	4587
				11
				4587
				4587

Para dividir por 11 ha tambem um processo rapido, que é muito naturalmente o inverso do da multiplicação.

Seja N um numero divisivel por 11 (o que é facil e rapido reconhecer pelo judicioso emprego do caracter de divisibilidade). Representando por Q o quociete e attendendo que o dividendo é igual ao divisor multiplicado pelo quociete, teremos:

$$N = 11.Q$$

Porém, 11 é igual a 10 + 1; portanto, será:

$$N = (10 + 1)Q \quad \text{ou} \quad N = 10.Q + Q$$

Temos então N igual a uma somma de duas parcelas; conseguintemente, será:

$$N - 10.Q = Q.$$

D'ahi se conclue que, subtrahindo-se do dividendo dez vezes o quociete, obtem-se este mesmo quociete. Mas, seja qual for o quociete, sendo elle inteiro, multiplicado por 10, dará um numero terminado em zero; então do primeiro algarismo do dividendo tirando zero, teremos o primeiro do quociete, que passará a ser o segundo do subtrahendo e assim por diante.

Para dividir, por exemplo, 48796 por 11, diremos: 6 menos zero, 6; 9 menos 6, 3; 7 menos 3, 4; 8 menos 4, 4; 4 menos 4, 0.

Si o numero não fôr exactamente divisivel por 11, facil e rapido será achar o resto, que, subtrahido do numero dado, dará um numero divisivel por 11, ao qual se applicará o processo supra. Aliás a divisão directa de um numero por 11, seja ou não exactamente divisivel, é rapida; basta que se saiba tomar promptamente a undecima parte de um numero de dois algarismos; para o que basta lembrar que, sendo 11 o divisor, o quociete deve ser tal que multiplicado por elle dê 11, 22, 33, 44, etc.; então a undecima parte de qualquer numero comprehendido, por exemplo, entre 33 e 44 será 3, entre 44 e 55 será 4, entre 88 e 99 será 8.

Assim, tratando-se de dividir 75497 por 11, diremos: a undecima parte de 75 é 6 e sobram 9; a undecima parte de 94 é 8 e sobram 6; a undecima parte de 69 é 6 e sobram 3; a undecima parte de 37 é 3 e sobram 4.

Mas, neste andar, isto será um nunca acabar. Melhor será que recorram os interessados aos livros indicados no numero precedente desta revista, nos quaes vem tudo por miudo e raso.

F. CABRITA.

GEOGRAPHIA

ORIENTAÇÃO, PEDAGOGICA

AINDA A PROPOSITO DE PONTOS CARDEAES E DA ORIENTAÇÃO

Occupar-nos-emos hoje da orientação pela sombra. Será necessario começar fazendo que os discipulos observem o que se passa com a propria sombra de seu corpo, produzida pela luz de uma vela ou de uma lampada electrica. Bastará para isto cerrar as janellas da sala e accender a luz. Alterando depois a posição de um alumno deante do foco luminoso observaremos como a sombra augmenta e diminue e como muda de direcção.

E' o sol como uma enorme lampada que nos allumia. Verifiquem os alumnos para onde se dirige a sombra do corpo quando por elle é illuminado. Para este fim mandaremos, no pateo, ou no jardim, que quatro dos discipulos se dirijam a pontos por nós determinados.

—Quando você se dirigia á mangueira, Guilherme, onde estava a sua sombra?

Guilherme não viu a propria sombra. Mandemol-o novamente. — Onde está a sua sombra? — Atraz de mim. — Exactamente; para vel-a é preciso que você se volte para traz. O sol dá-lhe de frente, nos olhos. E você, Margarida, para que lado vê a sua sombra? — A' minha frente. — Muito bem. O sol está em um mesmo logar; Guilherme olha-o de frente e não vê a propria sombra; Margarida dá-lhe as costas e tem em frente a sua sombra. De manhã é sempre assim. O ponto em que o sol está é o nascente; o ponto que a sombra está indicando é o poente. Sabendo onde se acham estes dous pontos cardeaes, facil é dizer onde está o norte e onde o sul.

Habituar-se-á logo o discipulo a representar o começo da *rosa dos ventos*, pelo traçado da cruz inicial, em que o N. é collocado acima e o S. abaixo, o E. á direita e o O. á esquerda. Repita-se com diversos discipulos o exercicio, para

que fique bem comprehendido que: quando pela manhã uma pessoa tem a propria sombra atraz de si, está olhando para o nascente; quando a sombra lhe fica á frente está a olhar para o poente; quando a tem á sua direita está voltada para o sul e quando, finalmente, a tem á esquerda, é porque olha o norte.

Na figura schematica (Fig 1) se percebe claramente isto. As pessoas são representadas pelos quatro angulos 1, 2, 3 e 4, cujas aberturas indicam para onde olham.

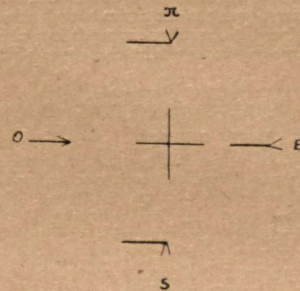


Fig. 1

Repetido o exercicio ao ar livre, no dia seguinte, em hora mais adeantada, antes, porém, do meio-dia, observarão os discipulos que a sombra, que é a principio maior do que o corpo, vae diminuindo á proporção que se aproxima o meio-dia. Em seguintes exercicios verificarão que para a tarde torna a sombra a crescer, mas tem direcção exactamente opposta. Ha um momento em que a sombra, depois de diminuir, chega a desaparecer. Então é meio-dia pelo sol.

Por que assim crescem e diminuem as sombras? Volte-se á experiencia feita com a vela. A sombra diminue ou augmenta e muda de logar porque o corpo se move. Mas no pateo occupam as crianças todos os dias o mesmo logar, como se estivessem fixas. Que se teria dado então? Realmente nós não nos movemos por nós mesmos, mas a terra moven-se comosco, deante da lampada, que é o sol. E' porque a ter arse move que a nossa sombra muda de logar, que augmenta e diminua.

Com um poste fixo ao chão pôde-se repetir esse exercicio, medindo-lhe a extensão da sombra a horas diversas e marcando-lhe as direcções que toma.

Passar-se-á depois á orientação pelo Cruzeiro do Sul. E' esta uma constellação facil de encontrar no ceu, mas será necessario que o mestre indique muito precisamente aos discipulos o logar em que a deverão achar, estabelecendo pontos de referencia bem visiveis, taes como um morro, a torre de uma igreja, etc.

O Cruzeiro indica o Sul. Se o encontrarmos podemos estar certos de que atraz de nós é o Norte. Estabelecida a linha Norte-Sul, nenhuma difficuldade mais em achar o Nascente ou o Poente, principalmente com a cruz a que já nos referimos, e que representa um começo da rosa dos ventos.

Finalmente, ha o meio mais seguro de orientação — a bussola. Mostre-se uma bussola aos

III. — LIÇÕES E EXERCÍCIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

A FAMÍLIA

A intervenção do Estado na família, exigida dos pais o rigoroso cumprimento dos seus deveres para com os filhos foi por algum tempo contestada e posta em dúvida.

Completamente subordinados à suprema autoridade paterna não se via razão alguma para que qualquer parte desta autoridade fosse suprimida.

Trata-se incontestavelmente de uma conquista civilizadora, pois, tal interferência veio collocar os filhos ao abrigo de violências que porventura alguns pais ainda se julgassem com o direito de lhes proporcionar.

Além desta garantia dada ao futuro membro da sociedade, a acção do Estado ainda se tornou efficaz e necessaria pelo direito que lhe assiste de estabelecer a obrigatoriedade da instrução a que se poderiam furtar, sob pretextos diversos aquelles a quem cumpre proporcional-

Ao nosso ver a chave mysteriosa das desgraças que nos affligem, é esta, e só, esta: a ignorancia popular, mãe da servilidade e da miseria. Eis a grande ameaça contra a existencia constitucional e livre da nação; eis o formidavel inimigo, o inimigo intestino, que se asyla nas entranhas do paiz. Para o vencer, releva instaurarmos o grande serviço da "defesa nacional contra a ignorancia". . .

RUY BARBOSA.

Vê-se por ahí o quanto são imperiosos os deveres dos pais para com os filhos.

Não lhes tira, porém, o Estado assim procedendo, a autoridade, sem a qual os laços da família se afrouxariam, produzindo a sua dissolução.

Grandes são, pois, os direitos adquiridos pelos filhos outr'ora reduzidos à situação infima de miseros escravos.

Uma tão benéfica conquista impoz-lhes deveres rigorosos a que se não podem furtar e cujo cumprimento ainda constitue um dos principaes elementos da organização da família.

Aos cuidados carinhosos e dedicações inexcedíveis do amor materno, às preoccupações constantes da affeição paterna devem os filhos corresponder demonstrando por todos os meios o seu sincero reconhecimento e fervorosa gratidão.

Taes sentimentos manifestados pelo respeito, pelo acatamento absoluto às ordens recebidas, pela affeição sincera e capaz de todas as dedicações, constituem a mais bella, a mais elevada recompensa aos cuidados recebidos.

Dedicar-se em absoluto aos pais, sacrificando-lhes tudo, até mesmo os mais elevados interesses, eis uma das maiores demonstrações de amor filial.

A PATRIA

Os selvagens festejam as victorias alcançadas nas lutas sangrentas a que se entregam com canticos guerreiros que têm por fim enaltecer a coragem, os feitos valerosos dos abatidos pela morte e engrandecer os vencedores em demonstrações ardentes do mais alto enthusiasmo.

Constituem estes canticos, verdadeiros hymnos comprobatorios do regosijo que experimentam e que em todas as phases gloriosas da sua vida cantam, numa demonstração collectiva de patriotismo.

Entre os povos civilizados as mesmas homenagens se rendem, as mesmas demonstrações de alegria se dão ao som de hymnos que a convenção reconhece officialmente como da nacionalidade que os adoptou e por meio dos quaes se homenageiam os paizes de que são, os canticos

de gloria, e os povos que os tomaram para tal. Cada nação possui o seu hymno.

Vibrante, ardoroso, elle com as suas notas meliodias produz naquelles cuja nacionalidade representa, ardorosas demonstrações de satisfação e impulsos indescriveis de irrefreavel coragem.

Ao seu toque vibra a alma nacional.

Como a bandeira o hymno constitue um dos mais representativos elementos de nacionalidade.

E' o cantico patriótico que impressiona profundamente e que ouvido em qualquer emergência da vida de uma nação produz sempre sensações indescriveis, mixto de orgulho e admiração, de alegria e enthusiasmo!

As grandes emoções occasionadas pela audição do hymno são ainda uma prova do extraordinario effeito que em nós produz tudo quanto se relaciona à Patria.

Nenhuma outra produção musical, por mais bella, por mais commovente, por mais enthusiasmica que seja consegue nos sensibilisar mais do que o hymno da nossa Patria tão cheio de harmonia, tão caro aos nossos ouvidos!

HISTORIA E GEOGRAPHIA

HISTORIA

CLASSE MEDIA

1.º anno

DIOGO FEIJÓ

(A regencia)

ORIENTAÇÃO PEDAGOGICA. — Antes de tratar especialmente de Diogo Feijó, deve o professor fazer algumas referencias ao acto da abdicção de D. Pedro I. Assim, explicar succintamente as causas predominantes que levaram o primeiro Imperador a deixar o Brasil: questões de nacionalidade e de politica occasionavam constantes disturbios em varios pontos do Imperio, principalmente na Bahia e Pernambuco, onde se deram graves revoluções que anarchizavam o paiz.

No Rio de Janeiro desenrolaram-se scenas sanguinolentas na noite de 12 para 13 de Março de 1831, conhecida na Historia do Brasil como a — noite das garrafadas. — A impopularidade de D. Pedro I estendeu-se às forças armadas, até então a sua maior garantia, motivo pelo qual o monarcha deliberou abdicar a corôa do Brasil na pessoa de seu filho D. Pedro, retirando-se para Portugal a 7 de Abril de 1831.

Coube a José Bonifacio de Andrada e Silva a tutoria do novo imperador do Brasil. Tratando do periodo regencial citará os nomes dos regentes, fazendo notar especialmente o nome de Diogo Feijó, que se salientará como estadista de valor, quando ministro da Justiça, e cuja regencia se estendeu de 1835 a 1837. Principaes factos occorridos na regencia Feijó: pacificação do Pará e começo da guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, a qual visava o desmembramento dessa provincia, sob a fórmula de republica. O professor fará uma synthese dos episodios mais notaveis dessa luta que se prolongou até 1845.

CLASSE MEDIA

2.º anno

D. PEDRO, PRINCEPE REGENTE; O GRITO DO YPIRANGA; A INDEPENDENCIA; D. PEDRO I, IMPERADOR.

ORIENTAÇÃO PEDAGOGICA. — A regencia de D. Pedro foi assignalada por muitas lutas politicas, oriundas todas da situação mal definida em que se encontraram os nacionaes após a partida de D. João VI para a Europa.

Tratando dessas lutas, o professor dirá que os nossos patricios notavam em todos os decretos vindos de Lisboa, o plano de uma *recolonização* perfeitamente esbatido naquelles manejos politicos.

Com effeito, os decretos que annullavam os actos do Principe Regente, que o reduziam a simples governador do Rio de Janeiro, confirmavam as suspeitas do povo. Surgiram então varios partidos politicos, mal organizados, sem um plano assentado, causando a anarchia em todo o territorio.

O mestre falará sobre a situação de D. Pedro: no continente americano as amotinações do povo, em continua luta com as tropas portuguezas; na peninsula, a Assembléa estabelecendo leis que feriam a dignidade dos brasileiros. Mas a precipitação dos factos não dava logar a indecisões. Falará o mestre na ordem de partida para a Europa, recebida por D. Pedro: esse momento historico apresenta-nos a figura sympathica de José Clemente Pereira, o interprete dos sentimentos nacionaes.

Discorrerá ainda sobre as occurrencias que se seguiram à representação do povo, e á resolução de D. Pedro, accetando as responsabilidades de uma desobediência formal ás ordens de D. João VI.

E' opportuna a referencia a José Bonifacio de Andrada e Silva. A figura do grande brasileiro appareceu no scenario politico, em um momento decisivo para os destinos da nação brasileira.

O professor fará então o historico da independencia: lutas em todo o paiz e o brado de Independencia ou Morte, vibrado a 7 de Setembro de 1822 pelo Principe D. Pedro, ás margens do Ypiranga.

Passará o mestre a tratar do Brasil Imperio: ligeiras considerações sobre a differença entre governo colonial e governo monarchico.

Ministradas à classe essas idéas sobre a nova forma de governo no Brasil, dirá o mestre que foi aclamado Imperador D. Pedro I. Sobre o governo do primeiro Imperio, citará as guerras com a metropole representada pelas tropas portuguezas estacionadas nas provincias do norte do Brasil; a abertura da Assembléa Constituinte; as dissensões entre os principaes membros dessa Assembléa; a divergencia politica entre os Andradas e D. Pedro I; a dissolução da Assembléa; a abdicção em 7 de Abril de 1831.

CLASSE COMPLEMENTAR

1.º anno

A INCONFIDENCIA MINEIRA; TIRADENTES.

ORIENTAÇÃO PEDAGOGICA. — As considerações sobre o movimento revolucionario de 1789, em Minas, devem abranger as influencias literarias e politicas da época, desenvolvidas na França, por Montesquieu, Rousseau e Voltaire, e ainda as causas de ordem economica que se referiam aos pesados tributos pagos pela colonia à metropole portugueza. Sobre umas e outras, apoiaram-se os revolucionarios mineiros, cujos chefes serão citados pelo mestre, fazendo notar que formavam uma pleiade de literatos notaveis.

As idéas suggeridas aos estudantes que se achavam na Europa, vieram encontrar echo no centro do Brasil, onde germinaram e se espalharam rapidamente, constituindo importante elemento de propaganda republicana.

Desenvolverá o professor, os pormenores da conspiração desde o seu inicio até à prisão de Tiradentes, e, a seguir, acompanhará as diversas phases do malogrado movimento revolucionario republicano, detendo-se na apreciação do caracter

de Tiradentes, unico dos conspiradores que sofreu a pena de morte infamante.

O mestre lembrará a homenagem que a Republica presta á memoria de Tiradentes: o feriado nacional de 21 de Abril, e, ainda o preito rendido pela municipalidade do Districto Federal, que ligou o nome do republicano mineiro a uma escola municipal.

CLASSE COMPLEMENTAR

2.º anno

PRIMEIRO GOVERNADOR GERAL; PRIMEIRAS CIDADES DO BRASIL. LUTAS DOS COLONOS COM OS INDIGENAS. CATECHESE; NOBREGA E JOSE' DE ANCHIETA

ORIENTAÇÃO PEDAGOGICA. — De 1549 a 1553 foi o Brasil governado por Thomé de Souza, primeiro governador geral. Quaes os beneficios ou vantagens que esse governador introduziu na grande colonia: referir-se-á o professor aos cargos de administração creados nessa época; ás fortificações para defesa das capitánias; á protecção dispensada aos indios; á criação de um bispado; á fundação de povoações em diversas capitánias.

Lembrará que data desse governo a cidade de S. Salvador, capital da Bahia, edificada por Thomé de Souza e com o auxilio de Caramurú, cuja lenda o mestre deve narrar.

Como se construíam as cidades colonias: o local escolhido era sempre um ponto pouco acessível ás invasões estrangeiras, portanto, uma elevação — Piratininga, S. Salvador, Rio de Janeiro, Olinda, podem ser citadas como exemplos.

Formando uma praça, levantavam-se as casas mais importantes: residencia do governador, casa do Thesouro, Camara, cadeia; ao centro o pelourinho dava-lhe os fóros de cidade. Os collegios de Jesuítas, as igrejas, as casas cobertas de palmas de coqueiro formavam arruamentos, e, a cercar esse conjunto, as trincheiras que defendiam a cidade de ataques dos selvagens.

Thomé de Souza creou as armas da cidade: sobre um campo azul, uma pomba tendo preso ao bico um ramo com tres folhas de oliveira.

A par do desenvolvimento material, o professor apreciará o trabalho da catechese, iniciado pelos jesuítas. Dirá que a luta entre colonos e indigenas creava mil difficuldades aos representantes da Companhia de Jesus; dirá ainda que essas lutas tinham por causa principal a escravidão vermelha, repellido pelos indios em ataques guerreiros contra os pontos occupados pelos portugueses.

Apreciando o devotamento de Nobrega e José Anchieta, o professor lembrará os factos que tornaram inolvidaveis os nomes desses grandes jesuítas.

O primeiro procurava attrair os selvagens fazendo exaggerar o culto externo da religião christã, por meio de constantes romarias e processões, onde predominavam sons ruidosos e cores vistosas.

Anchieta sobrepujou a todos pela dedicação prestada á causa da catechese dos indios. O mestre citará ás diversas fases da existencia do

grande jesuita, passada entre os selvagens por espaço de meio seculo, approximadamente.

GEOGRAPHIA

CLASSE ELEMENTAR

2.º anno

OS ARREPORES DO RIO DE JANEIRO

Os morros, como o Corcovado e Santa Thereza, fornecerão materia com que se entretendam os alumnos sem se lhes exigir propriamente estudo. E' preciso não perder de vista que a geographia é ensinada, nas classes elementares, principalmente, como lição de cousas.

Chegue-se, pois, ás noções dadas pelos adjectivos *ingreme, escarpado, alto, suave, baixo, nu, coberto, verdejante*, etc., a proposito das encostas, das grótas, do dorso das montanhas.

Prepare com taes adjectivos e com os substantivos que são os nomes das partes da montanha, das arvores mais conhecidas, dos accidentes geographicos diversos, o vocabulario de que hão de necessitar os discipulos nas suas composições litterarias.

Façam, por exemplo, que nos digam aquellos alumnos que commosco ou com as familias respectivas já houverem feito a ascensão de um morro e a penetração das florestas, que cobrem as nossas montanhas: se é facil subir ou penetrar; o que é que impede o caminho — os cipós. Lembre-se o silencio das mattas, apenas quebrado pelo ruído que faz o nosso proprio grupo, ou pelo esvoaçar das ayes, ou pela abertura espontanea de fructos, que produzem uma como explosão. Quaes são as principaes arvores das nossas florestas, quaes os animaes que ás povoam.

A quem pertencem, na maioria, as florestas dos nossos morros. Por que as conserva o governo? Qual a sua utilidade — a protecção das aguas.

A este proposito estenda-se largamente o professor praticando com os seus alumnos sobre a devastação barbara das mattas. Todos elles têm assistido ao horrivel espectáculo, que é o incendio ateado na floresta e todos têm visto passar pelos bairros os vendedores clandestinos de lenha. O crime destes devastadores; o saque da propriedade do governo, isto é, de nós todos, e a diminuição das aguas que a derrubada e a queimada accarretam em futuro proximo.

Temos para nós que é esta uma lição de educação civica, que compete ás professoras ministrarem aos discipulos sempre que haja oportunidade, e esta é uma esplendida. E' do dominio do publico que todos, absolutamente, todos os rios do Brasil estão sendo rapidamente esgotados pela nossa imprevidencia. Ninguém poderá calcular a miseria em que se hão de converter os nossos sertões feitos desertos, onde a vegetação seccará quando desapparecerem as aguas, e donde o gado e o homem fugirão. As florestas que circundam a nossa capital, esta cidade do Rio de Janeiro, vão diminuindo dia a dia, e com ellas escasseiam as aguas de uma maneira assustadora.

E' principalmente em Santa Thereza e na Tijuca que se encontram as nascentes. Mostre a professora como se faz o serviço da agua. No recesso da floresta é captado o filete crystallino, que

se conduz a um pequeno deposito; deste deposito entra a agua para um grosso encanamento; pouco a pouco os canos se vão juntando e as aguas são levadas aos reservatorios. Ahi são decantadas e distribuidas.

Tire assim a professora lições não só de geographia, mas principalmente de educação, das visitas que fizer ou imaginar aos nossos arredores. A criança tem espontaneamente uma curiosidade vivissima: responder as suas questões e a estas orientar, é o papel do mestre. Nenhuma disciplina se presta mais a este fim de cultivar a attenção e a curiosidade do que a geographia. A geographia tem, segundo a phrase de *Lespagnol*, o papel original de ser ao mesmo tempo uma *descripção* e uma *explicação*, de pôr em contacto os factos que outras sciencias estudaram isoladamente, e de restabelecer na complexidade das condições naturaes, no movimento da vida, os phenomenos do mundo physico e organico.

CLASSE MEDIA

2.º anno

MOVIMENTOS DOS ASTROS — O DIA E A NOITE

Nada no espaço existe em repouso: o movimento está por toda a parte. Dos movimentos de cada um dos astros ou da posição que uns tomam em relação aos outros nascem varios phenomenos importantes, que o professor procurará explicar summariamente a seus discipulos.

O primeiro destes phenomenos é a distincção do dia e da noite. O conhecimento deste facto deve ter sido já explicado com a possivel clareza e veracidade no 1.º anno da classe elementar. E' aqui o lugar para maior explanação do phenomeno.

Ainda uma vez recommendamos a aquellos que este conhecimento precisarem ministrar, que compulsem, como recurso pedagogico, o optimo livrinho de Flammarion *Petite Astronomie Descriptive*. Sabemos todos quanto se apresentam confusas as noções astronomicas nos livros geralmente usados nas escolas onde cada um de nós estudou. O autor referido, que é um dos mais eminentes vulgarisadores de conhecimentos scientificos, consegue expôr de uma maneira clarissima todas estas questões nas paginas encantadoras daquelle livrinho, evidenciando a grande vocação pedagogica que lhe serve de corôa maxima.

Tratar-se-á somente de dar por meio do dialogo vivo o que elle ahi ensina.

Começar-se-á pela experiencia da distribuição da luz sobre um globo (livro citado, 8.ª edição, pgs. 42 e seguintes). Deante de uma lampada accessa e a certa distancia, estando a sala no escuro, colloca-se uma bola, uma laranja, uma maçã ou um novello. Só uma metade da bola fica illuminada; a outra permanece obscura. Assim a terra, no espaço, deante do sol, recebe luz apenas em uma das suas metades. Nesta metade illuminada é *dia*; na outra é *noite*. Que é o dia, portanto? E' a luz dada pelo sol; a noite é a sombra da terra, do lado opposto.

Nós temos, em qualquer parte que nos achemos, do globo, alternativas de luz e trevas, de dia e

noite. Se a terra fosse immovel deante do sol, tambem immovel, o lado illuminado do nosso globo seria sempre o mesmo: os habitantes das terras que ficassem do outro lado não conheceriam o sol. Mas a terra move-se, gyra em torno de um eixo, do occidente para o oriente, e dahi vem que nós temos alternativamente o dia e a noite.

Aqui fará o mestre experiencias com a bola, fazendo-a gyrar, e observando varios pontos que passam pelas trevas e depois pela luz.

Todos os homens que existem á superficie da terra recebem portanto alternativamente a luz e as trevas, têm o dia e a noite. Emquanto é noite em um ponto é dia em outro, e á proporção que um vae caminhando para o dia, outro, opposto, vae entrando nas trevas da noite (1).

Ha um momento em que os habitantes de um lugar vêem o sol exactamente acima de suas cabeças. Dahi em diante o sol passa para o outro lado até cahir no occaso, quando essa parte da terra mergulha na noite. O momento, pois, em que o sol está mais alto, chama-se o *meio-dia*. A duração total do tempo durante o qual é dia, nós dividimos em doze horas: seis antes e seis depois do meio-dia. As horas da noite são tambem doze, e a hora média desse tempo chama-se *meia-noite*. Habitualmente, porém, chamamos dia ao espaço de 24 horas, que vae desde o nascer do sol até que nasça outra vez; incluimos assim no dia a noite que se segue.

Quando em um ponto da terra é meio-dia, ha um ponto exactamente opposto, em que é meia-noite. Mas a terra gyra e, no fim de algum tempo neste ponto onde era meio-dia já é uma hora da tarde, isto é, esse ponto terá passado ha uma hora sob o sol. O ponto correspondente do lado opposto estará então uma hora mais proximo do dia; será ahi uma hora da manhã.

Continue o professor a mostrar como á proporção que um ponto caminha para a noite o outro vae entrando no dia, até que chegue o momento de neste ultimo *nascer o dia* ou o *sol*. Faça depois observar que ha a qualquer momento um ponto do globo em que o sol está nascendo. A hora em que nós jantamos, com a luz accessa, ha pontos do globo em que os homens estão despertando para o trabalho.

Este estudo das horas terá depois de soffrer revisão, quando se tratar das linhas do globo. Por enquanto bastará que os discipulos comprehendam por alto como se dá o phenomeno. Aprendam a ver no globo, qual o ponto exactamente opposto a um determinado, e a acompanhar a marcha das horas. Será occasião, emfim de se imaginar aquella viagem pittoresca que nos refere o alludido Flammarion, e que aqui transcrevemos, feitos os necessarios cortes:

"Supponhamos que é, em França, quasi meio-dia. Na escola vae terminar a aula; a hora está a bater. No Egypto já são duas horas da tarde, ao passo que na terra dos Tartaros são quatro

(1) Daqui por deante é preferivel abandonar a ordem seguida por Flammarion. Seguimos uma outra, mais de accôrdo com as necessidades do programma.

"horas e prepara-se o jantar. Na Índia, ás bocas do grande rio Ganges, são seis horas; o sol deita-se e os seus ultimos raios illuminam a fronde das grandes arvores. Do fundo das florestas, as feras rugem ao pôr do sol; os elephantes vêm beber ao rio. Mais longe, estamos na China, em Pekim. São mais de oito horas da noite; illumina-se uma capital de 2 milhões de homens; circulam nas ruas mil lanternas de côr. Ainda mais longe, no mesmo momento, a noite escura estende-se sobre o oceano, e sobre as ilhas onde dormem os selvagens nas suas cabanas miseráveis. No mar, aqui e ali na sombra immensa, deslisam pequenas luzes: são os navios que atravessam esses oceanos longinquos. O timoneiro vê-la; olha as estrellas e diz: *é meia-noite!*

"Mas neste mesmo momento em que sentimos o sol ardente do meio-dia, o grande continente da America, situado ao *occidente* de nós não chegou ainda deante do sol; começa apenas a entrar no espaço illuminado. Para os seus habitantes é manhã cedo. O mineiro da California começa a ver as primeiras tintas da madrugada. Mas já nas margens do Mississipi o sol está nado; nas Antilhas é dia claro; nas grandes cidades dos Estados Unidos, operarios e negociantes já estão ao trabalho. Na America do Sul, mais para o Oriente, no Brasil, por exemplo, são oito horas da manhã."

Numa derradeira palestra procurará o professor explicar o que é a *aurora* e o que é o *crepusculo*. Muito antes do sol nascer, vê-se branquear um ponto do ceu; depois vai apparecendo uma luminosidade avermelhada, dourada, bellissima, que é a aurora, precursora do dia. O sol está ainda occulto, mas a sua luz já illumina a parte superior da atmosphera, que parece luminosa, e nos reflecte a luz do sol.

Depois que o sol desaparece ha tambem por algum tempo a illuminação da atmosphera — é o crepusculo da tarde.

CLASSE COMPLEMENTAR

2.^o anno

ESTADO DE S. PAULO

Aspecto physico. — O Estado de S. Paulo apresenta uma faixa estreitissima plana no litoral,

após a qual se levanta a Serra do Mar, que toma diversos nomes particulares: Bocaina, Parati, Cubatão, Paranapiacaba, etc. Parallelamente, mais para o interior, corre a serra da Mantiqueira, que começa perto da cidade de São Paulo com o nome de Cantareira.

Destas serranias para o interior o terreno vai baixando até o rio Paraná, formando uma grande chapada.

Na serra da Bocaina nasce o rio Parahyba, que depois se dirige para o Estado do Rio de Janeiro. Para o oceano corre, ao litoral de S. Paulo, unicamente a ribeira de Iguape. As aguas importantes descem todas de Leste para Oeste, pela chapada, dirigindo-se ao rio Paraná. São os rios Grande, Tieté, Aguapehi, Paranapanema. O Grande tem em S. Paulo um affluente importante, o Mogi-guassú. Ha algumas cachoeiras notaveis: saltos de Itapura, Avanhandava, Itú, Parnahiba, no rio Tieté; o Salto Grande no Paranapanema.

População. — A população do Estado é de cerca de 3 milhões de habitantes.

Cidades principais. — São Paulo, capital; Santos, porto mais importante; Campinas, Ribeirão Preto, Jundiahy, Sorocaba, Piracicaba, Mogi das Cruzes, Jacarehy, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá e outras. Ubatuba, Iguape e Cananéia são os portos mais notaveis depois de Santos.

Produções. — A exportação mais importante é a do café, genero de que o Estado é o maior productor no Brasil. Outras culturas importantes são as do arroz, fumo, canna de assucar.

Vias de communicão. — São Paulo é o Estado que conta maior extensão de linhas de estradas de ferro. As mais importantes companhias são: a São Paulo Railway, geralmente chamada Inglesa, a Paulista, Mogyana, a São Paulo-Rio Grande e a Noroeste do Brasil.

Clima. — Quente no litoral, fresco para o interior. Nas terras altas a temperatura é mesmo muito fria no inverno. Alguns pontos, principalmente Campos do Jordão, são afamados pela salubridade, e considerados verdadeiros sanatorios naturaes.

O. S. R.

LINGUA MATERNA

Ter levado uma sapêca
Nos dentinhos da Mimosa...

3

A suspirar de sentido
Polichinello falou
Que lhe doia o ouvido
Só de um banho que tomou.

4

Geme sem braços o Soldado
E sem pé o Carneirinho.
De tal desgraça o culpado
E' Maria ou Luizinho?

A.

CLASSE PRELIMINAR

I — Recitação — Lamentações dos brinquedos

(Adaptação)

1

Mimi e o Polichinello,
O Carneiro e o Soldadinho
Falavam sem atropelo
Todos dentro do Carrinho.

2

A Mimi, qu: era a boneca,
Dizia com voz chorosa

QUESTIONARIO

Que eram Mimi, Polichinello, o Carneiro e o Soldadinho? Onde estavam guardados? Que aconteceu á Mimi? Seria uma gatinha ou uma cachorrinha a Mimosa? Como teria cahido nagua o Polichinello? Como ficou sem braços o Soldado? E sem um pé o Carneirinho? Eram crianças cuidadas a Maria e o Luizinho? Já ouvistes algum brinquedo falar? Poderiam dizer esses brinquedos cousas boas a respeito de seus donos? Quem teria ouvido as queixas dos brinquedos, a Maria ou o Luizinho? Não teria sido isto ouvido em sonho? Tal sonho não teria contribuido para que as crianças se tornassem mais cuidadas?

EXPRESSIONES E PALAVRAS QUE DEVEM SER EXPLICADAS

Lamentações — queixas.

Falavam sem atropelo — conversavam des-casadamente.

Voz chorosa — voz de quem está chorando ou com vontade de chorar.

Ter levado uma sapêca — ter soffrido muito.

Suspirar de sentido — dando "ais!" com tristeza.

Doia o ouvido só de um banho que tomára — estava com dôr de ouvidos, porque se resfriara nagua.

Geme — lastima-se.

Desgraça — infelicidade, desastre.

Culpado — responsavel, causador.

II — Elocução — Sêde obedientes

(Lêr e explicar a historieta)

- 1— Os dois pequenos, o Luiz e o Miguel, encontrando a despensa aberta, entraram surratemente.
- 2— A um canto via-se, encostado á parede, um bello cacho de bananas maduras.
- 3— Que bellas bananas, disse o Luiz. Vamos comel-as?
- 4— Não, voltou o Miguel. Sem licença da mãe não devemos comer coisa alguma.
- 5— E, sem tocarem nas deliciosas fructas, embora com muita vontade de comel-as, percorreram quietinhos a despensa.

D. M.

A.

QUESTIONARIO

Que é uma despensa? Por que fica proximo á cosinha? Podeis citar algumas cousas que são guardadas na despensa? Qual o motivo que leva as donas de casa a fecharem cuidadosamente a porta da despensa? Com que animaes se assemblham as crianças que se aproveitam das distrações das mães, e, sem sua licença, entram nas despensas? Que viram o Luiz e o Miguel, quando dessa fôrma entraram na despensa? Qual o mais guloso dos dois? E o mais obediente? Que pensais de seu procedimento?

III — Modelo de exercicio puramente oral

A HORA

- 1— Pela manhã não gosto de ouvir o relógio-bater horas, porque sou muito...
- 2— A mamãe faz-me levantar, dizendo que *já são horas*, porque devo preparar-me afim de ir para...
- 3— Quando saio tarde de casa, olho para todos os relógios que encontro: devo ser mais...
- 4— Quando se approxima a hora do recreio, parece que o relógio *tem preguiça*, porque sinto pressa de ir...
- 5— Nos domingos as horas parece que correm, porque estou mais...
- 6— Diz a mamãe que sou um grande preguiçoso e que me preciso corrigir para que elle fique mais...

IV — O que não se faz

- 1— Dormir até tarde.
- 2— Ficar na cama depois de acordado.
- 3— Sahir atrazado de casa.
- 4— Pensar mais nas refeições e no brinquedo do que nas obrigações.
- 5— Não prestar atenção ás lições.
- 6— Deitar-se tarde e sem preparar as lições.

CLASSE ELEMENTAR

I — Recitação — A voz do sino

I

Vamos, de pé! Dormiste bem
E a cama agora não é bôa.

Vamos, de pé! O sino soa:

Tem, tem, tem! Tem, tem, tem!
Inda ha no leito alguém?

2

Sabes de côr tua lição?

Vae para escola, meu ladino.

Ouve o que diz a voz do sino:

Dig, dig, dão! Dig, dig, dão!
Anda, anda, maganão!

QUESTIONARIO

Que annunciam os sinos? Em que logares são vistos? Batem os sinos sem o auxilio do homem? Que nome se dá ao encarregado de tocar o sino? Quando dobram os sinos? E quando repicam? Onde se fabricam os sinos? De que são feitos?

SUBSTITUIÇÃO DE TERMOS E EXPRESSIONES

Voz do sino — Som que se obtem quando se toca um sino.

Vamos, de pé! — Levante-se já!
 Dormiste bem — Passaste perfeitamente a noite, tiveste bom somno.

E a cama agora não é boa — Estar deitado agora não te convém, faz-te mal.

Vamos, de pé! — Não demores, sae da cama!
 O sino soa — Bate o sino.

Inda ha no leito alguém? — Si já bate o sino, é signal que já é dia e a ninguem, com saude, convém estar deitado.

Sabes de cór tua lição? — Preparaste bem o que te mandou fazer a professora, decoraste a tua poesia?

Vae para a escola, meu ladino — Sae de casa, vai cumprir o teu dever, meu espertalhão.

Ouve o que diz a voz do sino — Presta attenção áquillo que te parece dizer o sino.

Anda, anda, maganão! — Depressa, depressa, velhaco, espertalhão!

EXERCICIO

Aplicar de modo conveniente as palavras: levantar, convém, diz, pergunta, aconselha, soa, vá.

A quem está deitado o sino parece convidar, pela manhã, a se... e diz que a cama não lhe... Tem, tem, tem... o sino. A criança que vai p'ra escola... si estudou as lições do dia e... que siga para a escola. Dig, dig, dão!... tam- bem o sino, mandando que o maganão... para a escola.

II — Vocabulário e elocução

Os moveis — As cousas e suas qualidades: mesa grande, pequena, comprida, curta, redonda, larga, estreita, de quatro pés, de tres pés, elástica, giratoria, de sala de visitas, de sala de jantar, de gabinete, de copa, de cozinha, de madeira, de marmore, de ferro, etc.; cadeiras — singelas, de braços, de balanço, "preguiçosa", de madeira, de palha, de vime, de lona, de estofa, de ferro, etc.; armarios — para roupa, livros, louça, mantimentos, etc.; pianos — claros, escuros, bons, máos, novos, velhos, altos, baixos, de cauda, etc.; lavatorios — de madeira, de ferro, com espelho, sem espelho, claros, escuros, antigos, modernos; columnas — grandes, pequenas, altas, baixas, para vasos, estatuetas, simples, torneadas, etc., etc.

Ações — Armar, desarmar, limpar, espantar, envernizar, arrumar, mudar, adornar, reformar, arranjar, reparar, transportar, comprar, vender, alugar, etc.

A phrase:

1) Completar: O movel sobre o qual comemos e escrevemos é... Nós nos sentamos nas... e nos... Os pratos, os copos, os calices, os talheres, guardam-se nos... Papae guarda os livros em armarios que se chamam...

2) Formar: Quando se desarmam os moveis? Como são elles transportados de uma casa para outra? Quaes os moveis que mais facilmente se transportam de um logar para outro da casa? Como devemos limpar os moveis?

3) Redacção: Uma sala de visitas.

Plano — Qual a mais bonita sala de visitas que vistes? Por que vos agradou? Que moveis ahí se viam? Estavam bem limpos? Tinham boa disposição? Havia tapetes, cortinas, plantas e flores? Que movel mais vos agrada numa sala de visitas?

CLASSE MEDIA

Vocabulário, grammatica, orthographia

Dictado e recitação

A nossa Bandeira

Amemos com fervor nossa bandeira!...
 E' o symbolo da Patria!... E' a sua imagem!...
 Recorda-nos os feitos de coragem dos que amaram a terra brasileira!

E' a columna de fogo sobranceira que brilhou, como nitida miragem, aos bravos que da guerra na voragem, cumpriram a incumbencia derradeira!

E' o laurel, o padrão de nossas glorias, a sagrada reliquia das victorias, que lembra as tradições de um mundo novo!

Amemol-a com fé, sinceramente!
 A bandeira é o emblema refulgente da mais nobre ambição que agita um povo!

DOMINGOS MAGARINOS.

Interpretação da poesia

A Bandeira deve merecer de todos nós um culto especial, porque representa a nossa Patria. Lembra-nos o passado: os que a morte levou depois de haverem dado provas do quanto queriam ao seu torrão natal; os que pela Patria, na guerra, sacrificaram alegremente a vida; falanos de victorias, de um glorioso passado. O grão de patriotismo de um povo, o desejo de concorrer para o engrandecimento da Patria, podem ser avaliados pela veneração que demonstra relativamente a sua Bandeira.

Substituição de termos

Amemos com fervor nossa Bandeira — Dedicamos culto especial á nossa Bandeira.

E' o symbolo da Patria — E' a imagem da Patria.

E' a sua imagem!... — Fala-nos ao coração e aos sentidos, porque é a Patria que está presente.

Recorda-nos os feitos de coragem — Lembra-nos os actos de bravura.

Dos que amaram a terra brasileira — daquelles que já deram ao Brasil provas de dedicação.

E' a columna de fogo sobranceira — E' a visão do dever, do valor, da gloria e do triumpho.

que brilhou como nitida miragem — que surgiu luminosa qual visão admiravel e fascinante aos bravos que da guerra na voragem — aos heróes que da peleja no sorvedeiro cumpriram a incumbencia derradeira — levaram a cabo a sua missão ultima.

E' o laurel, o padrão das nossas glorias — E' o symbolo dos nossos feitos militares a sagrada reliquia das victorias — a preciosa lembrança dos triumphos

que lembra as tradições de um mundo novo — que recorda o passado de uma Patria nova.

Amemol-a com fé, sinceramente! — Prezemol-a confiantes e de um modo verdadeiro.

A Bandeira é o emblema refulgente — A Bandeira é o symbolo luminoso

da mais nobre ambição que agita um povo — da mais elevada aspiração que faz vibrar os filhos de uma Patria.

APPLICAR AOS SUBSTANTIVOS DO TRECHO OS ADJECTIVOS QUE CONVENHAM

Modelo

Fervor-grande, pequeno, accentuado, natural, sobrenatural, sublime, etc.

Bandeira-nacional, estrangeira, amada, querida, venerada, etc.

Symbolo-verdadeiro, consagrado, eterno, etc.

A Caridade

EXERCICIO DE REDACÇÃO — Vossa professora, a proposito de um trecho de leitura, disse: "Meus filhos, quando sentirdes que a tristeza de não possuir alguma cousa invade vossa alma, transportae vosso pensamento até aquelles que são mais pobres do que vós. Quando, á mesa do jantar, pensardes em fazer uma reclamaçãozinha, lembrae-vos dos que têm fome e estendem a mão á caridade publica. Quando vos deitardes não esqueaeis os que passam a noite ao relento, sem um tecto que os possa abrigar. Não fecheis os ouvidos nem procureis impôr silencio ao coração, quando ouvirdes as queixas dos infelizes e mendigos".

Fazei a respeito algumas considerações.

Modelo

Bella e proveitosa lição nos deu a professora. Quem revela tão bons sentimentos tem com certeza excellente coração.

Compreendi hoje o motivo por que nunca se mostra mal humorada nem triste. E, no entanto, sabemos que trabalha e soffre muito, tem familia grande e muitos doentes em casa. E é tão compassiva com os que soffrem! Proveitosa lição para nós, não ha duvida, porque é tambem a lição do bom exemplo.

Aconselhou-nos moderação nos desejos, porque não poucos teem muito menos recursos que

nós... Quantos assim conhecemos! O filho da nossa vizinha viuva está sempre alegre, coitadinho! e não tem calçados nem chapéo.

Recommendou-nos que não fossemos exigentes quanto ao que os nossos paes nos dessem para a alimentação, porque muita gente ha que passa fome e muito feliz se consideraria em nossas condições.

Lembrou-nos que não nos faltam, graças a Deus, tecto e cama, ao passo que muitos amanhcem nos bancos dos jardins publicos e nas soleiras das portas...

Boa lição para mim! Ha dias disse desejar fortuna que me proporcionasse maiores alegrias e prazeres... Envergonha-me pensar nas considerações que tenho feito a respeito dos pobres que julgava, em sua maioria, desocupados e preguiçosos. E é tão triste pedir esmolas!

CLASSE COMPLEMENTAR

Exercício orthographico e leitura

O EXEMPLO DO PASSADO

Não; não chores, Adão! Esquece a grande magua, a dôr que te anniquila, esse pesar profundo; não foi a solução e de olhos rasos de agua que podeste vencer desde o inicio do mundo!

Espanca para longe a dôr dessa tristeza — a duvida mortal que te esmaga e te opprime! não humilhes assim a divina grandeza do trabalho de Deus — este feito sublime!

Desde a aurora da terra, atravez das idades, quasi fera, a luctar corpo a corpo com as feras, quem te viu expandir tão amargas saudades, quem te ouviu soluçar atravez dessas eras?

Forte, altivo, brutal nessa lucta gigante, na titanea rudez da floresta sombria, quem te viu, troglodyta, hesitar um instante, duvidar de teu braço em tão rijia porfia?

Pelas margens do Nilo, atestando os teus feitos, Memphis, Thebas erguendo — oh! Ramsés soberano! quem te viu deplorar os teus sonhos desfeitos, quem te viu blasphemar um fatal desengano!

Babylonia, Ninive — os successos famosos que dos valles do Tygre a legenda nos conta! não nos lembram, de certo, os lamentos saudosos, essa magua, essa dôr que em tua alma desponta!

Desfazendo os grilhões desse vil captivo, quando o povo de Deus conduziste liberto, não gemeste, Moysés, em teu hymno guerreiro, essa magua, essa dôr, atravez do deserto!

Não; nas vagas do oceano affrontando o inimigo, entre os filhos de Tyro, Ithobaal, o valente, nos momentos hostis desse rude perigo, não choravas sem fé, não gemias descrente!

Foste grande na Grecia — um assombro na terra! dedilhaste uma lyra e chamaram-te Homero; e Lycurgo na paz, Alexandre na guerra, não te viram soffrer um pesar tão severo!

Quem, oh! Cesar! te ouviu essa angustia gemendo? Quem te ouviu soluçar nas contendas da Gallia e sequer vacillar nesse golpe tremendo: — o revex de Pompeu, a lição de Pharsalia?

Tem confiança em ti mesmo, em teus feitos confia !
Desse herculeo vigor a coragem retoma !
Vem, Flagello de Deus, com essa mesma ousadia
que mostraste, escalando as fronteiras de Roma !

Que energia exemplar ! Que sublime bravura !
Que divina lição nessa calma divina
com que soffres, oh ! Christo ! a suprema tortura,
o martyrio da cruz que teu nome illumina !

Contra o alfange tenaz do revel musulmano,
paladino da cruz, resolutio e disposto,
não te vejo carpir esse tedio inhumano,
não te sinto chorar esse extranho desgosto !

Não te engolfes, por Deus, em tão impios pesares !
Ama, pensa, tem fé ! Teu passado é fecundo !
Vem, Colombo, aclarando os mysterios dos mares
e dos mares sem fim arrancando outro mundo !

Lucta, soffre, mas doma esse atroz desalento !
E' preciso calcar essa dor que te humilha !
Quem te ouviu soluçar, nesse grande momento,
derrocando, em Paris, os fortins da Bastilha ?

Dissimula esse pranto ! Essa negra descrença !
Esse tedio mortal que te esmaga e te oprime !
Não infrinjas assim a divina sentença,
os dictames de Deus — teu destino sublime !

Não; não chores, Adão !... Desde os tempos mais idos,
desde o dia primeiro em que a terra pisaste,
não venceste chorando e os teus grandes gemidos
só te fazem perder o laurel que alcançaste !

DOMINGOS MAGARINOS.

Interpretação da poesia

O poeta censura as lamentações do homem. Manda esquecer pesares e dores que lhe diminuem a energia. Diz que não é com lagrimas que tem elle vencido desde a criação. Considera humilhante a fraqueza e aconselha a dominal-a e a que não deixe transparecer. Lembra o exemplo do homem primitivo, forte na lucta corporal, não duvidando um instante sequer de sua victoria. Transporta-se ás primitivas civilizações, aos feitos passados em cidades antigas, que se tornaram celebres e em que jamais a fraqueza se manifestou. Façanhas guerreiras, triumphos litterarios, sabias legislações obtiveram-se á custa de talento, labor, perseverança. Cita reveses historicos que encontraram impavidas as suas victimas. A ousadia, a confiança em si mesmo tem celebrizado no bem e no mal muitos homens. Como lição de coragem serena recorda-nos o exemplo de Jesus. Na defesa da fé, em luctas entre christãos e mouros jamais venceram as lagrimas do desalento. Não fóra a tenacidade de Colombo e não teria descoberto a America. "Dissimula esse pranto ! Essa negra descrença", diz o poeta, mostrando que isso é revoltar-se o homem contra as resoluções de Deus. A coragem, a fé são, pois, os baluartes contra os mais profundos pezares.

Redacção

O alumno mostrará que o "exemplo do pas-

sado" não é o da fraqueza. Fraqueza é chorar, é entregar-se a queixumes inuteis, é patentear maguas ou lastimar derrotas; fraqueza é abandonar-se a duvidas estereis, a incertezas, cuja solução não traz proveito algum; fraqueza é ainda a falta de acção por temor de insuccesso; e é tambem fraqueza a incapacidade de sustentar uma opinião justa embora combatida e o não tomar a defesa do opprimido contra o oppressor.

Falará a respeito deste sentimento, indicando-lhe as desvantagens, pondo em relevo o valor de sentimento opposto. Guardará da poesia uma idéa geral, evitando o desenvolvimento de cada uma das quadras, o que prejudicaria o todo harmonico da composição.

Exercício de synonymia

Anniquila — abate, desanima.
Espanca — afasta, expulsa.
Titanea — titanica, gigantesca.
Rudez — o mesmo que rudeza, ausencia de cultivo.
Troglodyta — habitante das cavernas.
Porfia — lucta, combate, contenda.
Deplorar — lastimar, lamentar.
Grilhão — cadeia grossa de ferro. Fig.—laço, prisão.
Dedilhaste uma lyra — fizeste com os dedos vibrar uma lyra. Fig. — fizeste composições poeticas.
Reves — insuccesso, derrota.
Herculeo — muito forte.
Alfange — especie de espada de folha larga, curta e recurvada.
Revel — rebelde (fig.).
Musulmano — arabe da seita do Propheta Mahomet.
Paladino — homem intrepido e cavalheiroso. Defensor dedicado.
Carpir — prantear, chorar, lastimar.
Não te engolfes — Não te deixes absorver.
Derrocando — destruindo, arrazando.
Dictames — preceitos, avisos, regras, ordens, doutrinas.
Laurel — louros, corôa de louros — symbolo de gloria.

Significação de termos historicos e geographicos

Adão — Primeiro homem.
Nilo — Rio do Egypto (Africa).
Memphis e Thebas — Cidades do antigo Egypto.
Ramsés — Rei egypcio.
Babylonia — Uma das maiores e antigas cidades do Oriente (Asia). Os seus jardins suspensos constituíam uma das maravilhas do mundo.
Ninive — Cidade da Asia Antiga á beira do rio Tigre.
Moysés — Guia e legislador do povo judeu.
Moysés quer dizer salvo das aguas e de facto elle foi pela filha do rei do Egypto, que o educou e protegeu.

Tyro — Cidade da antiga Phenicia, na Asia.
Ithobaal — Rei do Tyro.
Homero — Celebre poeta grego considerado autor da Iliada e da Odyssea.

Lycurgo — Legislador de Sparta, na Grecia antiga.

Alexandre — Rei da Macedonia, região da Europa, ao norte da Grecia. Celebre pelas suas conquistas territorias.

Cesar — Imperador romano.

Gallia — Região habitada por povos guerreiros rivaes. A França, a Belgica, a Suissa e parte da Allemanha occupam hoje o territorio da Gallia transalpina.

Pompeu — General, vencido na batalha de Pharsalia.

Flagello de Deus — Assim se denominava Attila, tyro do devastador cruel e sanguinario.

Bastilha — Fortaleza construida em Paris; considerada como symbolo do poder absoluto dos reis e sendo por isso tomada pelo povo da cidade a 14 de Julho de 1789.

Redacção

Anno Bom !

SUMMARIO. — Necessidade de dividir o tempo em periodos. Motivo por que se dá ao 1.º de Janeiro o nome de "Dia de Anno Bom". Sonhos e aspirações que invadem a alma do homem quando se inicia um novo anno. Ingratidão relativamente ao anno que termina. Vantagem e condição para a felicidade em se ter a alma inclinada a razoavel optimismo.

Seguem-se os dias de um mesmo modo sempre, sem uma perturbação, sem que uma diversidade se note... entretanto o homem, na necessidade de dividir em periodos o tempo, para melhor disposição da vida, determina o finalizar de um anno em tal dia, o inicio de outro no immediato a esse.

ARITHMETICA

CLASSE MEDIA

2.º Anno

AS QUATRO OPERAÇÕES COM INTEIROS E DECIMAES

Lição

As quatro operações são : addição, subtração, multiplicação e divisão.

ADDIÇÃO

Adição é a operação pela qual se reúnem dous ou mais numeros da mesma especie em um só.

O resultado da addição chama-se somma ou total e os numeros que se juntam são chamados parcelas.

O signal da addição é +, que se lê mais.

Anno Bom ! E por que chamar de Anno Bom a esses 365 dias que se approximam ? por que qualifica-o bom, quando não sabemos que sorpresas nos esperam ?

Anno Bom ! Será realmentee bom ? Afagamos os sonhos de nosso peito com um carinho extremo, espalhamos perfumes por nossas illusões, divinizamos-as quasi; no entanto, nem sempre é fagueira a brasi, nem sempre é agradável o vento que faz balouçar os chimericos sonhos e eil-os por terra... e o ruir do castelo é motivo de cruciante dôr ! Por que chama-o bom ?!

Por que ?... para que o tenhamos nosso amigo, para que haja uma idéa de ventura, que não se percebe, ainda, mas que se deseja; é um afago, é uma caricia ao que está envolto em mysterio, é um harpejo sonoro de que se faz preceder o dia 1 de Janeiro... mas é principalmente o receio pelo incognoscivel, é o temor pelo futuro que se não conhece.

Todos esperam com sorrisos de ventura este anno que se annuncia: soffrem uns, e pensam numa bonançosa época, que succede aos procellosos dias; gozam outros, e sonham com a doce calma que têm fruido a continuar intermina.

O ultimo dia de Dezembro parte sem tristeza e viva alegria recebe Janeiro. Os olhos do homem não querem vêr os máos quadros: por que pensar em noites trevosas, quando se é mãe e se tem filhinhos a educar e aos quaes se deseja a mór ventura; quando se é joven e se sonha com um porvir pleno de felicidades; quando se é crente e se espera a vida celeste e pura ?

Sonhemos com o bem, sonhemos com o bello, com o que é bom e doce: não infiltremos em nossas almas vãos temores, não pensemos no mal e na desgraça, que de pensarmos assim temos o espirito fatigado, entediada a mente, doído o pobre coração, que chora e geme com amargura infinda...

N. C.

ENSINO SCIENTIFICO

PROBLEMA

Uma escola tem quatro classes: na primeira ha 37 alumnos, na segunda 26, na terceira 18 e na quarta 22. Quantos alumnos tem esta escola ?

Este problema resolve-se por meio da addição. O numero de alumnos em toda a escola será obtido juntando-se os quatro numeros ou parcelas 37, 26, 18 e 22.

O processo natural para se juntar um numero a outro seria juntar a um dos numeros, uma por uma, todas as unidades do outro numero. Exemplo: 7+4; diriamos: 7 e 1 são 8; 8 e 1 são 9; 9 e 1 são 10; 10 e 1 são 11. Tendo juntado quatro unidades, o total vem a ser 11.

Nunca se procede desta forma, porque seria demasiado longo.

A addição de dous numeros simples, isto é, numeros de um só algarismo, consegue-se mentalmente pela taboada de sommar.

A taboada deve ser construida pelos proprios

O quintal é igual a 100 kilogrammas.
 A tonelada é igual a 1000 kilogrammas.
 Uma tonelada vale portanto 10 quintaes, porque
 $1000 \div 100 = 10$.
 900 toneladas = 9000 quintaes.
 1 quintal vale 396\$750.
 9000 quintaes valem $396\$750 \times 9000 =$
 $= 3.570.750\$000$.
 Resposta — A carga do navio é de 3.570.750\$000.

II) Um campo rectangular tem 165^m de comprimento e 45^m, 28 de largura. Cercaram-no de arbustos que custaram 4\$000 o cento e foram plantados com intervallos de 0^m,28. Qual foi a despeza?

Solução:
 Perimetro do campo vem a ser:
 $165^m \times 2 + 45^m,28 \times 2 = 330^m + 90,56 = 420^m,56$
 Numero de arbustos plantados neste perimetro:
 $420^m,56 \div 0^m,28 = 1502$
 Preço de um arbusto:
 $4\$000 \div 100 = 40$ rs.
 Despeza total:
 $40^rs \times 1502 = 60\$080$

Resposta — A despeza foi de 60\$080.
 III) Uma fazendeira tem 7 vacas que lhe dão, cada uma, 1^l por dia. Vende o leite á razão de 400 rs. o litro. Com o dinheiro, que retira de seu negocio em 30 dias, compra 2¹ duzias de camisas a 42\$000 a duzia e 3¹ duzias de pares de meias a 28\$000 a duzia. Quanto lhe resta?

Solução:
 $1^l \times 7 = \frac{7Dl}{5} = \frac{49Dl}{5} = 9Dl,8 =$
 $= 98$ litros (Porção de leite que as 7 vacas fornecem em um dia).
 $98^l \times 30 = 2940$ litros (Porção de leite fornecida em 30 dias).
 $400^rs \times 2940 = 1.176\000 (Resultado do negocio em 30 dias).
 $42\$000 \times 2 = 84\000
 $28\$000 \times 3 = 84\000
 $1.176\$000 - 84\$000 - 84\$000 = 1.008\000
 (Custo das camisas).
 $1.008\$000 - 1.176\$000 = -168\$000$
 (Custo das meias).
 $94\$500 + 98\$000 = 192\$500$ (Importe das compras).
 $1.176\$000 - 192\$500 = 983\$500$.

Resposta — Resta-lhe 983\$500.
CLASSE COMPLEMENTAR
 2º. Anno

QUESTÕES PRATICAS

I
 $\frac{0,1}{2} + \left(\frac{1}{2} \times \frac{2}{3} - 8 \right) 1,8 \div 9$
 $\frac{1}{5}$

$$0,21 \div 0,3 \left(\frac{5}{6} - \frac{1}{4} - \frac{1}{3} \right) \times \frac{0,4999...}{1}$$

$$\frac{1}{10} \times \frac{5}{2} + \left(\frac{5}{2} \times \frac{17}{5} - 8 \right) \frac{18}{10} \div 9$$

$$\frac{49 - 4}{2}$$

$$\frac{21}{100} \times \frac{10}{3} \left(\frac{10}{12} - \frac{3}{12} - \frac{4}{12} \right) \times \frac{90}{1}$$

$$\frac{1}{4} + \left(\frac{17}{2} - 8 \right) \times \frac{2}{10} + \frac{1}{4} + \frac{1}{2} + \frac{1}{5} + \frac{1}{4} + \frac{1}{10}$$

$$\frac{7 \times 1}{10 \times 1} \times \frac{3}{12} \times \frac{90}{1} \times \frac{7}{10} \times \frac{1}{4} \times \frac{2}{2} \times \frac{40}{1} \times \frac{1}{2}$$

$$\frac{5}{20} + \frac{2}{20} + \frac{7}{20} + \frac{40}{7} + \frac{1 \times 2}{1 \times 1} = 2$$

II
 $\frac{1}{3} - 0,0444... + 0,888... \div 0,5$
 $\frac{1}{3} - \frac{4}{90} + \frac{8}{9} \div \frac{5}{10}$
 $0,22 + \frac{3}{2} \div \frac{2}{5} = 0,25$
 $\frac{22}{100} + \frac{3}{2} \times \frac{5}{2} = \frac{25}{100}$
 $\frac{5}{9}$

III
 $\frac{9}{20} \div 1,725 + \frac{2}{3} \div \frac{1}{23} - \frac{69}{20} \div \frac{1725}{1000} + \frac{2}{3} \div \frac{24}{23}$
 $3 - \frac{5}{7} \div \frac{4}{9} + \frac{2}{8} \div 7$
 $3 - \frac{5}{7} \times \frac{9}{4} + \frac{2}{8} \times 7$
 $\frac{69}{20} \div \frac{1725}{1000} \div \frac{2}{3} \times \frac{23}{24} - \frac{69}{20} \div \frac{69}{20} \times \frac{2 \times 23}{3 \times 24}$
 $3 - \frac{45}{28} + \frac{2}{56}$
 $3 - \frac{45}{28} + \frac{1}{28}$

IV
 $0,1666... \times 0,3 \div \left(\frac{15}{7} - 2 \right) \times 0,222...$
 $\left(0,5 + \frac{2}{3} \right) \times \frac{2}{9} \div 0,0555...$

$$\frac{16 - 1}{90} \times \frac{3}{10} \div \frac{1}{7} \times \frac{2}{9}$$

$$\left(\frac{5}{10} + \frac{2}{3} \right) \times \frac{11}{9} \div \frac{5}{90}$$

$$\frac{1}{330}$$

V
 $\frac{1}{4} \left(1,40909... - \frac{9}{22} \right) \div \left(1 - 0,875 \right)$
 $\frac{0,9}{5} \text{ de } \frac{2}{7} = \frac{0,5}{7}$

PROBLEMAS

I) Suppondo que uma superficie de 5 aros produza 12 decalitros de batatas; que o hectolitro de batatas pese 65 kilogrammas; que a batata dê fecula no valor de $\frac{1}{25}$ do seu peso e que a fecula seja vendida a 45\$000 os 100 kilogrammas: Qual o preço da fecula proveniente de batatas colhidas numa propriedade de forma rectangular tendo 208 metros de comprimento sobre 75 metros de largura?

Solução:
 Superficie da propriedade:
 $208^m \times 75^m = 15600^m^2$
 $1 \text{ aro} = 1D2m^2 = 100^m^2$
 $15600^m^2 = 156D^2m^2 = 156 \text{ aros.}$

5 aros produzindo 12 decalitros, 156 aros produzirão
 $\frac{12Dl \times 156}{5} = \frac{1872Dl}{5} = 374,4Dl = 3745 \text{ litros.}$
 1Hl ou 100^l pesando 65 kilogrammas, 3745^l pesarão,
 $\frac{65kg \times 3745}{100} = 2434kg,25$ (Peso da batata).
 $\frac{4}{25}$ de 2434kg,25 = $\frac{4}{25} \times 2434kg,25 =$
 $\frac{9737kg}{25} = 389,48kg$ (Peso da fecula).

100kg custando 45\$000, 389kg,48 custarão,
 $45\$000 \times 389,48 = 45\$000 \times 3,8948 = 175\$266$.

Resposta — O preço da fecula de batata será de 175\$266.
 II) Quanto se ha de pagar para o polimento de uma pedra de forma cubica cuja aresta meça 1^m,30 custando 280 rs. o metro quadrado?

RACIOCINIO

O cubo tem seis faces quadradas sendo os lados representados pelas arestas.

Avalie pois a superficie de cada face e depois multiplique-se por 6, isto é:

$$1^m,30 \times 1^m,30 = 1^m^2,69$$

$$1^m^2,69 \times 6 = 10^m^2,14$$

Custando o metro quadrado 280 rs. 10^m2,14 custarão 10,14 vezes mais, ou:
 $280 \times 10,14 = 2838,40$.

Resposta — O polimento da pedra custará 2\$840.
 LÉONIE DE F. ANGLADA.

HISTORIA NATURAL
 CLASSE ELEMENTAR

1º anno

PRINCIPAES PARTES EXTERIORES DO CORPO HUMANO

Os exercicios a este assumpto referentes, acham-se dosados e coordenados com magistral proficiencia no livro de Calkins, a que tantas vezes temos aqui alludido. São o quinto, o sexto, o setimo, o oitavo, o nono, o decimo, o undecimo e o duodecimo.

A proposito da cabeça, repita-se a enumeração das suas partes: a *corôa*, o *cogote*, os *lados*, o *rosto*, os *ouvidos*, segundo ensina o autor. Do rosto: a *fronte*, ou *testa*, as *duas fontes*, os *dois olhos*, o *nariz*, as *duas faces*, a *boca* e o *queixo*; do pescoço: a *nuca* e a *garganta*.

As partes do tronco são: as *costas*, as *duas ilhargas*, o *peito*, a *cintura*, os *quadrils*.
 Passe-se depois aos membros superiores — o *braço*, o *antebraço*, a *mão*, o *hombro*; para que servem as mãos; pegar, atirar, apanhar, palpar, bater, etc.; *palmas* das mãos; *dedos*, seus nomes vulgares; *phalanges*, *juntas* dos dedos ou *nós*; *unhas*.

Membros inferiores — *coxa*, *perna*, *pé*, *joelhos*, *tornozelos*, *artelhos*; *plantas* dos pés; *dorso*, ou *peito*; *calcanhar*.
 Em todos estes exercicios, nota o autor referido (pg. 564 da traducção), releva ficar distinctamente assentado que, nas praticas entre o professor e os alumnos, estes sejam levados pelo mestre de modo que *observem e expendam* elles mesmos o mais que for possível, no tocante ao assumpto proposto a estudo."

CLASE MEDIA

1º anno

Aprendidos os ossos que constituem a cabeça, passe o professor ao tronco, praticando longamente a respeito da *espinha dorsal* ou *espinhaço*, dos *ossinhos* ou *vertebras* que a constituem, e que são arrumados em *columna*, sobrepostas uma a uma; fale-lhes na flexibilidade da espinha vertebral ou dorsal, que nos permite grande numero de movimentos para a frente e para traz, para a esquerda e para a direita.

Faça-os palpar, em seguida, as proprias *costellas*, mostrando-lhes como se prendem á espinha e a um outro osso, que fica á frente, o *sternum*. São as *costellas* uns como arcos de osso, e formam uma verdadeira gaiola, que é o nosso peito; dentro desta caixa ou gaiola estão guardados órgãos muito importantes, taes como o coração e os pulmões. O seu numero é de vinte e quatro, doze de cada lado.

Palpem depois as crianças as *espaldas* e sejam informados dos nomes dos ossos: *clavicula* e *omoplata*.

Passe-se finalmente aos ossos dos membros: o *humerus*, o *cubitus* e o *radius*, os ossos do *carpo* e do *metacarpo*, as *phalanges*; o *femur*, o *tibia* e o *peroneo*, os ossos do *tarso* e do *metatarso*, as *phalanges*; a *rótula*.

Em recordação ajunte-se aos conhecimentos adquiridos mais a divisão da espinha em tres regiões principaes: a *cervical*, a *dorsal* e a *lombal* e indique-se o numero dos ossinhos que constituem o *espinhaço*, *espinha dorsal* ou *vertebral*, ou ainda *columna vertebral*. São trinta e tres as vertebrae, só se distinguindo, porém, perfeitamente, as primeiras *vinte e quatro*; as nove restantes são atrophiadas e soldadas, formando dous ossos: o *sacrum* e o *coccyx*; no *coccyx* termina a espinha vertebral.

CLASSE COMPLEMENTAR

1.º anno

ALIMENTAÇÃO

Os animaes *digerem* ou transformam os alimentos, fabricando com elles o *sangue* que dá vida a todas as partes do corpo. Ha, porém, enormes differenças na alimentação dos diversos animaes. O cão, o gato, o tigre, o leão nutrem-se de carne; o boi, o cavallo, a cabra, o carneiro comem hervas frescas ou secas que os campos lhes offerecem; os passaros alimentam-se principalmente de grãos ou sementes, a gal-

linha nutre-se de grãos. O homem pôde adaptar-se facilmente a qualquer regimen, de modo que enquanto uns animaes são carnivoros, outros são herbivoros, outros granivoros, o homem podemos dizer que é omnivoros, isto é, pôde comer de tudo: carne, hervas, grãos, fructos, etc.

Dos tres reinos da natureza tira o homem habitualmente o seu alimento. O reino animal dá-lhe a carne do boi, do carneiro, do porco, e das diversas caças, os ovos, o leite, e os seus derivados. O reino vegetal dá-lhe os legumes os cereaes, os tuberculos, os fructos, etc. O reino mineral dá principalmente o sal de cozinha e a agua.

Analysadas chimicamente, as substancias alimentares provenientes do mundo organico, isto é, dos reinos animal e vegetal, pertencem a dous grupos: umas são constituídas de tres elementos e outras de quatro.

As substancias ternarias ou compostas de tres elementos são: *amylaceos* ou *feculentos*, *asucraes* e *gorduras*.

Multiplique o professor os exemplos de uns e outros.

As substancias quaternarias ou albuminoides têm por typo a carne dos animaes.

Effectuada a digestão, o estomago exige no fim de algum tempo nova provisão de alimentos. Nós sentimos então a necessidade imperiosa que se chama *appetite* ou *fome*.

Aquelles que trabalham sentem mais frequentemente a necessidade de se alimentarem, do que os ociosos; as crianças mais do que os adultos, porque o seu corpo exige mais materias para o crescimento.

A fome, se não é satisfeita, determina a morte no fim de algum tempo. O excesso de alimentação é, porém, egualmente funesto, produzindo indigestões e molestias mais graves do estomago.

Se dermos ao estomago uma quantidade exagerada de alimentos, elle não os poderá digerir e então os lançará fóra com violencia — é o *vomito*.

THEATRO INFANTIL

A VOCAÇÃO DE EMILINHA

(Salão com piano.)

EMILINHA — patrão.
JULIETA — criadinha.

* EMILINHA, entrando toda apressada

Sim, senhores, é o que digo
Foi a Mamãe á cidade
Deixando a casa commigo,
Com toda a tranquillidade...
E pensam que me amedronta
Tal encargo? Que esperança!
Vão ver como tomo conta
De tudó com segurança...

Si não estivesse em férias
Era a nossa governante,
Uma Inglesa das mais sérias,
Toda emproada e importante,

Quem devia aqui ficar.
Conhecem, não, nossa Mary?
Vou-lhe um retrato pintar;
Quem não a conhece, espere.

Feia... coitada! Mas isso...
Não ha inglesa bonita...
Cheinha como um chouriço,
Tendo á cintura uma fita,
De côr berrante e espantada...
Valha-me Deus, que as Inglesas
Não entendem mesmo nada
De elegancias e bellezas.

Foi visitar a família,
Que nalgum recanto mora
Daquella famosa Ilha
Que era dos Santos outr'ora,
Dessa famosa Inglaterra
Que eu vejo sempre, no sonho,
Como uma encantada terra,
Terra onde tudo é medonho.

Estou contente, não minto,
Com a minha occupaçaõ,
Porque lhes juro, bem sinto
Que esta é a minha vocação.
O que eu não quero é essa historia
De andar morrendo no estudo:
Que eu não pretendo a vangloria
De ser Ruy, de saber tudo.

Venham cá dizer a mim
Si a Mamãe, para ser bõa,
Para ter a casa assim,
E' preciso que se môa
Decorando a Geographia,
E traduzindo Francez,
Demonstrando Geometria,
Suando em cima do Inglez...

Até mesmo o Portuguez:
De que me serve a Grammatica?
Della preciso talvez
Para o uso da vida pratica?
Mas quem pôde carecer
De synonymos, paronymos,
Syntaxe do verbo *haver*,
Ou de homographos, homonymos?

P'ra que é que eu quero o Desenho,
P'ra que é que eu quero pintar?
Que vantagem é que tenho
De tanta cousa estudar?
Pois já não ha tantas telas
Na Escola de Bellas Artes?
Posso eu fazel-as mais bellas?
Ora, deixemos de partes...

P'ra que saber de memoria
Cousas tão sem interesse:
Os pormenores da Historia,
Quem por prazer os conhece?
Que de Roma o fundador
Fosse Romulo ou que Nero,
Dos christãos fosse oppressor,
P'ra que é que saber eu quero?

Da Historia, só Napoleão:
Valente cabo de guerra!...
Dava a cada batalhão
Um pedacinho da terra.
Entre espadas e entre lanças,
Era o terror do inimigo,
Mas dizem que das crianças,
Ao contrario, era amigo.

Se eu fosse homem, com certeza
Sentava praça — a batalha
Tem para mim tal belleza,
Que nada existe que a valha.
Tenho, porém, um defeito:
O sangue faz-me tal medo,
Que um bom soldado, perfeito,
Certo, não dava tão cedo...

JULIETA, criada, entrando.

— Sinhá, Padeiro...

EMILINHA

— Vou ver

Si o padeiro traz pão doce

(Fica subitamente triste e pensativa)

Hoje não devo querer...
Antes *Senhora* eu não fosse...
Mas um pão doce sómente,

Será infantilidade?
Ora, que mal faz á gente
Comer quando tem vontade?

(Falando á criada).

Julieta, toma tu mesma
O que é costume tomar.
Depressa, és mesmo uma lesma,
Tudo é preciso mandar...

(Julieta sáe. Volta logo após).

JULIETA, entrando.

Está ahí tambem o caixeiro
Da venda, que vem saber
Se o toucinho de fumeiro
Quer que lhe mande trazer.

(Emilinha, faz uma careta de nojo e limpa os dedos no avental).

EMILINHA

Meu Deus, que cousas enjoadas!

JULIETA, espantada.

Credo em cruz! Pois Sinhá pensa
Que já está com as mãos untadas
Destas cousas de despensa?

EMILINHA a JULIETA

Olha, resolve sósinha
Tudo o que fôr de costume...
Estas cousas de cozinha
Põem-me num tal azedume...

(Julieta sáe)

Tocam a campanha.

EMILINHA

O' Julieta, estão tocando...

JULIETA, entrando

Já vi, Senhora, é o rapaz
Da Light, que está tomando
Nota do gasto do gaz.

(Julieta sáe)

EMILINHA, pensando.

Eu sempre tinha desejo
De saber como se mede
Uma cousa que nem vejo...
Isto o meu saber excede.

(A criada traz e entrega-lhe o cartão em que está marcado o consumo.)

E o que me intriga inda mais,
Que me causa admiração,
E' que o consumo do gaz
Vem em metros no cartão...

(Batem palmas, forte.)

JULIETA, entrando

Um moço pede á Senhora
O recibo do aluguer...

EMILINHA, *aborrecendo-se*

Ora, inda mais esta agora!
Pergunta p'ra que é que quer.

JULIETA

Disse que é... (*Faz que se lembra*)
— deixe lembrar...
Lançador da Prefeitura.

EMILINHA

Dize... (*sangada, á parte*)
— Vou lá me cansar?
— Que eu não tenho o que procura
(*Julieta sôe*)

Sei lá disso, porventura?
Mas tambem p'ra que é que quer
O recibo a Prefeitura?
Bem mostra que ella é mulher...
Porque sómente a mulher,
Que de curiosa se abraza,
Poderá querer saber
Quanto se paga de casa.

Mas esta vida, afinal,
A paciencia já me arraza...
Não desejo vida igual
A' de uma dona de casa...
Sempre é melhor que eu estude
E não tenha amolações...
Sempre, afinal, é Virtude
Perder a gente illusões.

(*Chegando-se ao piano*)

Pobre, esquecido, piano,
Não mais te abandono agora.
Tudo no mundo é um engano
Quando a gente está de fóra.
Não mais fujo ao meu estudo:
Fique cada um no que é seu.
Num dia só — soube tudo,
Porque este dia me encheu.

O. S. R.

O AVIADOR

(*Monologo para menino*)

Aviador dos mais valentes
das minhas azas ufano,
viajava no meu "biplano"
por mares e continentes!

Não invejava um momento
as aguias ou qualquer ave;
domando a furia do vento,
corria a minha aeronave!

Ilhas, montanhas, escolhos,
cidades, villas, povoados,
torres, zimbórios, telhados,
tudo passava aos meus olhos!

E via tudo pequeno;
o vasto oceano profundo
era um açude sereno;
pequeno era o proprio mundo!

A humanidade, hoje em guerra,
para mim não existia;
juro que mal distinguia
o que ha de grande na terra!

O vegetal mais frondoso
lembrava um simples tortulho;
o animal mais volumoso,
um pequenino gorgulho!

Cheio de insana vaidade
deante de tanta chateza,
até na propria grandeza
sentia mediocridade!

E, cada vez mais ufano,
perto do céu e dos astros,
tinha um desdem soberano
ao ver o mundo de rastros!...

De repente o céu se inflamma!
Meus Deus, que choque medonho!
Despertei! Oh! fóra um sonho!
Tinha cahido da cama!

D. M.

O REI DOS ANIMAES

(*Monologo para menino*)

O homem, firme em seus caprichos,
diz que é o rei dos animaes;
mas vive a imitar os bichos
no que diz e no que faz.

Pequenino, quando mamma,
mostra nisso um tal aferro,
que a propria familia exlama:
— Meu Deus, parece um bezerro!

Si a dentição principia
— de invenções não me socorro —
morde com tal valentia
que faz lembrar um cachorro!

Quando ensaia as passadinhas
— é bem sabido este facto —
fal-o sempre de gatinhas,
e nisto recorda o gato.

Um pouco mais tarde, o salto
é o brinquedo favorito;
pondo os paes em sobresalto,
recorda o bóde e o cabrito.

Si é pacato, é um cordeiro;
si é forte, chamam-no touro;
macaco, si é galhofeiro,
e bicho quando é calouro.

Si é alto e magro, girafa;
si é gordo e baixo, cevado;
gambá, si adora a garrafa,
e tigre quando é malvado.

Si é tolo, chamam-n'o arara;
paca, Perú, burro e pato;
si é sabido, capivara,
raposa, marreco e rato.

Si é cabeçudo, é jumento;
é leão quando é corajoso;
aguia e condor, si é talento,
e pavão si é orgulhoso.

Não valem nada os caprichos
do tal rei dos animaes;
imita todos os bichos
no que diz e no que faz.

DOMINGOS MAGARIÑOS.